



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JOSSEANE LOPES DO NASCIMENTO

**METODOLOGIAS DE ENSINO PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR
DAS REVISTAS DE ENSINO DA PARAÍBA (1932-1942).**

Campina Grande – PB

2016

JOSSEANE LOPES DO NASCIMENTO

**METODOLOGIAS DE ENSINO PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR
DAS REVISTAS DE ENSINO DA PARAÍBA (1932-1942)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande-
Campus Campina Grande, curso de Geografia,
como requisito parcial para conclusão.

Orientadora: Prof.^a Angélica Mara de Lima Dias

Campina Grande – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N244m Nascimento, Josseane Lopes do.

Metodologias de ensino para a Geografia escolar análise a partir das Revistas de Ensino da Paraíba (1932 - 1942) / Josseane Lopes do Nascimento. – Campina Grande, 2016.

58 f. il. : color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profª. Ms. Angélica Mara de Lima Dias".

Referências.

1. Geografia Escolar - Metodologia de Ensino. 2. Revistas de Ensino da Paraíba. 3. Geografia - Ensino. I. Dias, Angélica Mara de Lima. II. Título.

CDU 910.1:37.016(043)

Agradecimentos

Agradecer é uma das mais belas demonstrações de carinho que podemos externar. Dessa forma, começo agradecendo a Deus por ter me capacitado a chegar até aqui, me dando persistência para continuar nos momentos que achava que não iria conseguir e a força necessária para chegar até o fim “A Cristo seja toda a glória por Ele ser capaz de fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” Ef3: 20. Sem Ele eu não teria conseguido.

Agradeço aos meus queridos e amados pais José Basílio e Enilda por todo amor e carinho a mim dedicados, em todos os momentos estiveram me auxiliando, me dando as condições necessárias para que eu seguisse em frente nos meus objetivos acreditando nos meus sonhos, dando total apoio e palavras de conforto nos momentos em que mais precisei. Além deles, meus irmãos e toda a família foram grandes incentivadores. O apoio deles foi primordial.

A minha orientadora e grande amiga Angélica Mara que sempre me recebeu com alegria e me ajudou a trilhar todos os caminhos da pesquisa, que me aconselhou e me acalmou nos momentos de desespero, admiro por ser uma profissional exemplar de uma personalidade incrível que cativa todos que estão a sua volta, os seus conselhos foram fundamentais.

Aos meus colegas de curso em especial a Magda Sonale, Gardênia Barbosa, Douglas Cavalcante e Maria Madalena; as meninas que criamos uma afinidade maior no final do curso Anizabel Duarte e Mylena Susan. Obrigada por esses 4 anos na Geografia, pelas boas risadas, pelas dúvidas, angústias, foram muitos os estresses mas, maiores ainda foram as nossas gargalhadas porque tudo pelo nosso ponto de vira sorriso, e pelo companheirismo que compartilhamos ao longo do curso. Por toda a compreensão nos momentos mais difíceis. A UFCG me trouxe muitas coisas boas e sem sombra de dúvidas a amizade de vocês foi uma delas, a colaboração mútua foi a chave encontrada por nós para minimizar os percalços ao longo do caminho.

Meu muito obrigado também a todos os professores que fizeram parte da minha formação na graduação. A partir deles pude participar de estudos e discussões valiosas que me ajudaram na formação acadêmica, e despertaram a minha paixão pela docência.

Agradeço a toda equipe do PIBID Geografia em especial ao coordenador Luiz Eugênio, a equipe da escola Raul Córdula e a equipe do CAIC no qual criamos verdadeiros laços de amizade. Estendo meus agradecimentos às supervisoras Socorro Ramalho e Patrícia Marinho pelas experiências e conhecimento compartilhados.

A vida é feita de fases, de momentos que ficam marcados eternamente em nossas memórias. A novidade nos assusta, porque não conhecemos o futuro, não sabemos o que nos aguarda. Entre o começar e o terminar existe um momento crucial marcado de sentimentos, uma nostalgia no qual nos lembramos de tudo que vivenciamos ao longo do caminho, é um medo e uma adrenalina imaginando o futuro, viver é aprender, viver é acima de tudo transforma-se. Em tempos em que quase ninguém se olha nos olhos, em que

a maioria das pessoas pouco se interessa pelo que não lhe diz respeito, só mesmo agradecendo àqueles que percebem nossas descrenças, indecisões, suspeitas, tudo o que nos paralisa, e gastam um pouco da sua energia conosco, INSISTINDO! A todos que contribuíram para a minha formação pessoal e acadêmica o meu: Muito Obrigado!

Saber Viver

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto durar
"Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina."
Cora Coralina

RESUMO

A Geografia escolar vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas devido à importância de se conhecer todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem ao longo dos anos. Diante disso, as metodologias de ensino precisam ser estudadas, pois através dos diferentes tempos históricos notamos que as mesmas têm sofrido alterações. Sendo assim, esta pesquisa intitulada Metodologias de Ensino para a Geografia escolar a partir das Revistas de Ensino da Paraíba tem como objetivo analisar a importância das prescrições metodológicas do impresso pedagógico supracitado para a disciplina Geografia entre 1932-1942, período de circulação da revista, tendo em vista que esse recorte temporal marca um período de entusiasmo pedagógico marcado pela Escola Nova no Brasil. Buscamos compreender como a Geografia escolar paraibana era ensinada e que rumos esta trilhou e vem trilhando ao longo do tempo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho histórico no qual a base teórica utilizada teve como principais autores: Dias (2013); Bittencourt (2011); Chervel (1990); Biccás (2001) e como fonte os impressos pedagógicos. Foi possível conhecer a história dessa disciplina e de como ela era utilizada para a divulgação de um sentimento de nacionalidade, os métodos de ensino priorizavam a mnemônica e as listas de nomenclaturas.

Palavras chave: Geografia escolar. Metodologia de ensino. Revista de ensino da Paraíba.

ABSTRACT

School Geography has been gaining space in academic research due to the importance of knowing all levels from teaching and learning process through the years. Because of that teaching methodologies need to be studied, through different historical times it can be noticed that it has been altered. Therefore, this research entitled School Geography Teaching Methodologies from the magazines Revista de Ensino da Paraíba aims to analyze the importance of methodological prescriptions from the pedagogical written above-mentioned to Geography subject between the years of 1932-1942, period of circulation of the magazine, taking into consideration this time frame highlights a period of pedagogical enthusiasm marked by Escola Nova in Brazil. We seek to understand how school geography from Paraíba was taught and which direction it has been taking through time. It is a qualitative research of historical nature in which the theoretical basis used has as main authors: Dias (2013); Bittencourt (2011); Chervel (1990); Biccás (2001) pedagogical written as source. It was possible to know the history of this discipline and how it was used for the dissemination of a sense of nationality, teaching methods prioritized mnemonic and the list of nomenclatures

Key words: School Geography. Teaching methodology. Teaching Magazine from Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1- <i>As Revistas do Ensino</i> | 31 |
| Figura 2- Capas das Revistas..... | 32 |
| Figura 3- Exposições Pedagógicas..... | 48 |
| Figura 4- Mapa da Fauna da Paraíba..... | 48 |
| Figura 5- A Escola Rural..... | 49 |
| Figura 6- Ordem das disciplinas no curso primário..... | 51 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro1- Edições da Revista do Ensino por ano..... | 30 |
| Quadro2- Programa de ensino para o 1º ano..... | 41 |
| Quadro 3- Programa de ensino para o 2º ano..... | 42 |
| Quadro 4- Programa de ensino para o 3º ano..... | 43 |
| Quadro 5- Programa de ensino para o 4º ano..... | 43 |
| Quadro 6- Programa de ensino para o 5º ano..... | 44 |
| Quadro 7- Programa de ensino para o 6º ano..... | 45 |
| Quadro 8- Programa de ensino para o 2º ano do Ensino Complementar..... | 46 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 12 |
| CAMINHOS DE PESQUISA E INTERESSE PELO TEMA..... | 12 |
| CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO..... | 13 |
| 1. UM BREVE HISTÓRICO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR E SEUS DESDOBRAMENTOS NA PARAÍBA..... | 15 |
| 1.1 CONCEPÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES..... | 15 |
| 1.2 A GEOGRAFIA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA NOVA..... | 16 |
| 1.3 AS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EDUCACIONAIS NA PARAÍBA | 21 |
| 2. OS RUMOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DA <i>REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA (1932-1942)</i>..... | 25 |
| 2.1 A IMPORTÂNCIA DOS IMPRESSOS PEDAGÓGICOS COMO FONTE DE PESQUISA..... | 25 |
| 2.2 AS <i>REVISTAS DO ENSINO</i> E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO..... | 28 |
| 2.3 A <i>REVISTA DO ENSINO</i> DA PARAÍBA..... | 30 |
| 3. A GEOGRAFIA ESCOLAR NA <i>REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA (1932 – 1942)</i>..... | 34 |
| 3.1 DESVENDANDO A <i>REVISTA DO ENSINO</i> : OS CENTROS DE INTERESSES E OS PROGRAMAS DE ENSINO..... | 34 |
| 3.2 OS PROGRAMAS DE ENSINO: UM OLHAR PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR..... | 40 |
| 3.3 ORIENTAÇÕES ORGANIZACIONAIS: AS ESCOLAS RURAIS, E OS MUSEUS ESCOLARES..... | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 55 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

CAMINHOS DE PESQUISA E INTERESSE PELO TEMA

A Geografia escolar vem sendo cada vez mais debatida tornando-se campo fértil de estudo, pois se faz necessário conhecer as especificidades do processo de ensino e aprendizagem desta disciplina ao longo dos anos. Ao questionarmos como as metodologias de ensino têm sido incorporadas ao sistema educacional, observamos através dos diferentes tempos históricos que as mesmas vêm sofrendo várias modificações epistemológicas, filosóficas e práticas. No Brasil, as pesquisas sobre a história das disciplinas escolares são recentes e quando falamos em relação à história da Geografia escolar não existe um número expressivo de trabalhos (DIAS, 2013; BITTENCOURT, 2011).

Desse modo, precisamos pensar no caráter histórico da Geografia escolar, conscientes que novos desafios se impõem no cenário atual da educação, tendo em vista que é cada vez mais recorrente o uso de metodologias de ensino mais atraentes, a crescente tendência em busca de métodos inovadores, que admitam uma prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora. No entanto, “para entendermos algumas questões que permeiam o cotidiano escolar na contemporaneidade, a exemplo das metodologias de ensino, é imprescindível um olhar para traz, e assim, adentramos no campo da história da educação” (ÂNGELO, et al, 2011 *apud* DIAS, 2013, p. 1). Aquilo que entendemos como o que deve ser tem relevância se estiver apoiado no que foi e no que está sendo, ou seja, voltar ao passado para entender o presente buscando, quem sabe, ter alguma noção de como será no futuro.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu em virtude da experiência docente proporcionada pelo programa institucional de iniciação à docência – PIBID, o mesmo possibilitou a oportunidade tanto de criação como de participação em ações metodológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar na Geografia escolar. As reflexões revelaram a importância de ações educativas mediadas por recursos didáticos no processo ensino-aprendizagem. É interessante discutir a importância da inserção de novas metodologias no ensino de Geografia sendo esta uma ciência primordial para o entendimento das questões sociais, ambientais e políticas. Os procedimentos metodológicos que os professores utilizam determinam, por vezes, o interesse dos alunos pela disciplina e constituem uma ponte entre o conhecido e o desconhecido para estes. É notável que quando diversas metodologias são incorporadas

à prática de ensino dos professores, desperta nos alunos o encanto de aprender os conceitos geográficos de forma prazerosa e instigante tendo um melhor retorno no que diz respeito à aprendizagem. Percebemos assim, a importância de saber dar o devido valor ao uso de metodologias que fujam ao sistema tradicional de ensinar.

Justificamos a escolha do tema dessa pesquisa pela curiosidade de saber quais prescrições metodológicas norteavam a prática dos professores de Geografia na Paraíba em um período de entusiasmo pedagógico marcado pela Escola Nova, sendo assim, desenvolvemos uma pesquisa de cunho histórico, trabalhando as metodologias de ensino da Geografia escolar a partir dos impressos pedagógicos como fonte de pesquisa.

Para alcançarmos o objetivo proposto para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa de cunho histórico que segundo Gatti e André "o uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em Educação, permitindo melhor compreensão dos processos escolares" (2010, p.34) Dessa forma, escolhemos o recorte temporal de 1932-1942, por corresponder ao período de circulação do periódico pedagógico analisado. Vale salientar que o ano de 1932 marca a instauração efetiva da Escola Nova no Brasil. Este recorte justifica-se uma vez que é com os ideais escolanovistas que há uma maior difusão de metodologias de ensino para todas as disciplinas escolares, e, conseqüentemente, a circulação de impressos com finalidades pedagógicas.

Nesse sentido, a problemática da pesquisa está assentada nas seguintes questões: como a Geografia era ensinada no estado da Paraíba no recorte histórico de 1932-1942? Quais prescrições metodológicas estavam contidas neste impresso pedagógico? Quais eram as recomendações teóricas metodológicas para a Geografia escolar? Qual a relevância da citada revista para o ensino de Geografia na época da circulação? Qual a influência das metodologias de ensino da revista que podemos identificar nos dias atuais?

É com esses questionamentos que pretendemos investigar os rumos que a Geografia escolar paraibana trilhou ao longo desses dez anos de circulação da Revista.

CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO

Com o levantamento de fontes para a pesquisa, encontramos a *Revista do Ensino* da Paraíba, e assim, centramos nossas investigações neste material didático, que traz em sua abordagem temas e propostas metodológicas para o ensino das distintas disciplinas

escolares. Para dar prosseguimento a pesquisa, percorremos o seguinte caminho metodológico: inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico, seguido de leituras e fichamentos da literatura (livros, teses, dissertações, artigos e monografias) que tratam sobre a temática. Posteriormente, consultamos a biblioteca Átila de Oliveira, que está situada no Edifício da reitoria UEPB - Campina Grande, para a catalogação e reprodução (digitalização fotográfica) das obras selecionadas; como também elaboração de um roteiro de análise dos temas abordados na revista. Em gabinete, fizemos uma leitura cuidadosa das obras na busca de informações sobre as práticas e prescrições metodológicas contidas nestas edições didáticas; e por fim, realizamos a sistematização das análises.

Buscando uma maior compreensão do texto, o estruturamos da seguinte forma: no primeiro capítulo traçamos um breve histórico da Geografia como disciplina escolar e seus desdobramentos na Paraíba; no segundo especificamos o impresso pedagógico como fonte de pesquisa e os rumos da Geografia escolar a partir da *Revista do Ensino da Paraíba* (1932-1942) e no terceiro e último capítulo adentramos no nosso objeto de estudo e traçando a análise das *Revistas do Ensino* no qual especificamos os centros de interesse, os programas de ensino e algumas orientações organizacionais que encontramos nesta Revista destinadas a disciplina Geografia.

1. UM BREVE HISTÓRICO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR E SEUS DESDOBRAMENTOS NA PARAÍBA.

1.1 CONCEPÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES.

Este capítulo objetiva relatar como se configuram as disciplinas escolares, explicando a trajetória e os desdobramentos da Geografia escolar no Brasil e mais especificamente no estado da Paraíba.

Para entendermos como se configuram as disciplinas escolares que conhecemos atualmente é necessário voltarmos ao passado e conhecermos como se deu sua estruturação e as discursões que permeavam a sua composição. Dessa forma, dois autores tiveram ideias opostas quando nos referimos sobre a abordagem metodológica das disciplinas escolares. O primeiro, Yves Chevallard (1991), defende a transposição didática que, segundo Bittencourt, “considera a disciplina escolar dependente do conhecimento erudito ou científico, o qual para chegar à escola e vulgarizar-se, necessita da didática, encarregada de realizar a ‘transposição’” (2004, p. 36).

Diante desta concepção, o conhecimento produzido na academia é apenas reproduzido com uma didática adequada às disciplinas escolares. Se opondo a esse pensamento, destacamos André Chervel (1990), um dos primeiros autores a defender que as disciplinas escolares são autônomas e não uma simples adaptação ou transposição do saber científico ao escolar. Para Chervel,

A disciplina escolar é então constituída por uma combinação, em proporção de variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e um aparelho docimológico, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam evidentemente em estreita colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades (1990, p.207).

Esta abordagem nos dá a possibilidade de uma análise mais precisa sobre a história das disciplinas escolares, tendo em vista que cada uma possui especificidades em suas devidas áreas do conhecimento. É importante buscar a compreensão dos usos escolares e sociais das diversas disciplinas levando em consideração os diferentes níveis de ensino como também evidenciar as características mais marcantes das mesmas, em cada período da história.

Portanto, as disciplinas escolares podem se configurar como a união de conhecimentos que são elaborados por especialistas, que ao se vincular com a escola a

partir de seus principais agentes, no caso os professores e alunos, estabelecem novas relações de saberes. Sendo assim, “as disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos” (CHERVEL, 1990, p. 186). A disciplina escolar segundo este pesquisador francês, deve ser estudada considerando que a escola exerce um poder histórico, por consequência, não é suficiente apenas pesquisar o seu começo, o processo e a sua finalidade, mas é imprescindível investigar sua composição na cultura escolar. De acordo com Bittencourt (2005, p. 40), é “fundamental conhecer a história das disciplinas para identificar os pressupostos que possibilitam entender os liames e as diferenças entre uma disciplina escolar e as ciências de referência, uma vez que cada disciplina possui uma história”. Por isso iremos estudar como a Geografia escolar se desenvolveu ao longo do tempo no país, discussão esta que iniciaremos no tópico a seguir.

1.2 A GEOGRAFIA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA NOVA

A Geografia escolar no Brasil perpassa por várias discussões a respeito da relação entre a escola e a academia, de acordo com Albuquerque (2011) essa relação se configura por trocas e não por privilegiar uma em detrimento da outra. Silva (2008) afirma que a Geografia escolar e a Geografia acadêmica é uma interação dos saberes trazidos pelos sujeitos sociais que participam da escola.

É retomando a trajetória do ensino de Geografia ao longo da história e da sua prática que podemos compreender melhor como esta disciplina se configura nos dias atuais. Sendo assim, “as disciplinas escolares fazem parte dos currículos e constituem saberes [...] que circulam no cotidiano das salas de aula” (BITTENCOURT, 2003, p. 9).

A Geografia, assim como as demais disciplinas que são ensinadas nas escolas, vem sendo discutida por alguns autores como Albuquerque (2011), Vlach (1988), Vesentini (2004), também por alguns professores que trabalham com história da educação, mais especificamente história da Geografia escolar. É importante colocarmos que as pesquisas em torno do surgimento desta disciplina no país são vistas por diferentes pontos de vista. Albuquerque (2011) defende que é importante destacar dois momentos da história dessa disciplina no Brasil. O primeiro diz respeito a constituição do saber geográfico e a institucionalização dessa disciplina, que de acordo com a autora:

Inicia-se na década de 1830 e vai até a década de 1910, com propósitos e finalidades específicas e de acordo com o papel da escola na época. Além disso, foram elaborados currículos ou legislações que direta ou indiretamente serviam de referenciais para as escolas do país. Com relação à escola secundária, efetivamente, isto passa a acontecer após a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e a obrigatoriedade de que as escolas (privadas e públicas) seguissem este Colégio como padrão, constituindo o seu currículo como modelo nacional para todas as disciplinas (ALBUQUERQUE, 2011, p.21).

O segundo momento refere-se aos impactos provocados pela inserção de ideias da Geografia moderna. Sobre este momento, a autora ainda nos coloca:

Abarca o período entre 1911 e a década de 1930. Neste período, assiste-se, pelo menos em parte da produção escolar, à incorporação de aportes teórico-metodológicos e de temas difundidos pela recém-criada Geografia moderna no Brasil e pela pedagogia científica, resultando, inclusive, na institucionalização de uma Geografia acadêmica no país, pois os cursos superiores são criados com a finalidade de formar professores para a escola básica (ALBUQUERQUE, 2011, p. 21).

Esses dois períodos fazem parte de uma visão mais comumente utilizada pela maioria dos autores brasileiros denominada de Geografia tradicional. Esta maioria divide a história da disciplina Geografia em dois momentos a saber: Geografia tradicional e Geografia crítica, porém quando nos referimos a essa divisão estamos correndo o risco de fazer uma simplificação, uma vez que “aglutina abordagens muito distintas e compreende tanto a produção elaborada antes da introdução de uma Geografia científica no Brasil, quanto às produções modernas, como se fossem a mesma coisa, ou seja, Geografia tradicional” (ALBUQUERQUE, 2011, p.22).

Para outros autores como Rocha (1996) o primeiro período a ser considerado seria os primórdios da educação jesuítica indo até a introdução dos ideais de uma Geografia científica que compreende o período colonial até o início do século XX. Para o autor, essa periodicidade pode ser denominada com Geografia clássica, isso porque leva-se em consideração os conhecimentos elaborados antes da sistematização da Geografia como ciência.

É preciso colocar que no Brasil nesse período a Geografia não era vista com uma disciplina específica (acadêmica ou escolar) porque ainda não estava nos currículos da escola básica e nem havia uma produção acadêmica que seguisse uma ordem cronológica, seus conteúdos diziam respeito a informações gerais do planeta Terra (ALBUQUERQUE, 2011). Rocha (1996) afirma que esse quadro só vai mudar a partir de 1937, quando no Colégio Imperial Pedro II a Geografia é incluída como disciplina no

currículo. Sobre este período, Vlach (2004) afirma que a Geografia só irá se tornar disciplina escolar por motivos da pressão para que a inclusão dos conteúdos geográficos fossem colocados nos exames avaliativos para que assim os alunos pudessem ingressar nas faculdades de Direito e Medicina no país. Para Rocha (1996) o segundo período estaria ligado à introdução da Geografia moderna, que foi introduzida no Brasil a partir de Delgado de Carvalho que era um estudioso, autor de livros didáticos e propagador de propostas inovadoras e criativas para o uso de metodologias de ensino. É importante destacar a aproximação de Delgado com o aporte teórico-pedagógico escolanovista. Outros autores também se destacaram no âmbito de inovações no ensino, participando da elaboração de currículos, propostas metodológicas e livros didáticos. Dentre eles, ganham notoriedade Raja Gabaglia, Everardo Backeuser, Honorio Silvestre, entre outros.

As décadas de 1920 e 1930 são marcadas por um grande número de publicações, dentre elas compêndios, livros e manuais escolares. Outro marco interessante é a criação dos cursos superiores de História e Geografia, especificamente na década de 1930. Isso tornou mais fácil o diálogo entre escola e academia, pois os autores passaram a ter uma relação mais enfática, o que gerou um maior acesso as discussões que aconteciam na academia, influenciando na elaboração dos currículos e também na formação dos professores, ocasionando um novo olhar sobre o ensino de Geografia. O Brasil por ser muito grande territorialmente, não conseguia difundir por igual todas essas informações e novidades que permeavam o setor educacional, diante disso em algumas regiões do país vão acontecer as chamadas reformas educacionais (ALBUQUERQUE, 2011).

De acordo com Mate (2002), as reformas de ensino também marcaram a década de 1920 e aconteceram em vários estados do país. Tendo em vista que já se tinha a mentalidade que a educação é a base de tudo; dois aspectos merecem a nossa atenção: o primeiro diz respeito a um grande volume de publicações pedagógicas e o segundo a obrigatoriedade do ensino de Português, Geografia e História do Brasil. O ensino dessas disciplinas desempenhariam parte do papel uniformizador da cultura por estabelecer o idioma nacional para os filhos dos imigrantes que chegavam ao país impulsionados por uma crescente industrialização, o ideário dos heróis nacionais a partir da história e da Geografia também era difundido para que a população pudesse se orgulhar de ser brasileiro proporcionando uma mentalidade patriótica (DIAS, 2013). Bittencort (1990) nos lembra que nas décadas iniciais do séc. XX “a história e as demais disciplinas escolares integraram projetos educacionais moldados na uniformização de uma cultura

popular” (p. 27). Essas disciplinas desempenharam um importante papel, pois eram a base para que a população se reconhecesse parte integrante de um país que começava a se desenvolver de fato. As inspirações para as reformas educacionais foram as ideias da Europa e EUA, denominadas como escolanovismo ou Escola Nova ¹ que, segundo Mate (2002), “reúnem anseios, intenções, propostas e intervenções sociais que vinham ocorrendo isoladamente lançando com isso projetos, pedagógicos de estatuto científico que lhes conferiam uma maior visibilidade” (p.41).

Inspirados por este momento de inovações no âmbito educacional, os reformadores almejavam uma escola pública de qualidade que levasse em consideração uma aprendizagem significativa dos alunos. Para isso, desenvolveram projetos científicos para dar um caráter mais oficial, como também ganhar maior notoriedade.

Dentre as principais reformas do ensino podemos citar a reforma de São Paulo (Sampaio Dória), a reforma do Ceará (Lourenço Filho), a do Distrito Federal (Fernando de Azevedo) entre outras. Essas reformas foram importantes, pois consolidavam o campo da Pedagogia e uma rede escolar pública nascia em cada estado com certas diretrizes que segundo Mate (2002) são reveladoras de preocupações sociais que se assemelhavam, dentre elas uma escola para todos, a organização necessária dos espaços de ensino e a modernização do conceito de disciplina

Sendo assim, em meados da década de 1920, surge a necessidade de novas práticas pedagógicas serem difundidas para que fosse possível aliar um discurso mais crítico, com metodologias de ensino que fomentassem a formação dos alunos com condições de produzir suas próprias análises. Este período também é marcado pela difusão de propostas de uma Geografia moderna para a escola.

A Geografia escolar moderna perdura até o início da década de 1970, quando se institui os Estudos Sociais e nota-se um aparecimento de uma Geografia escolar conservadora, aliada a uma perspectiva tecnicista (ALBUQUERQUE, 2011). Diante disto, é necessário lembrar que no Brasil, a Geografia surge sendo vista como uma das principais disciplinas que melhor contribuía para disseminar os valores patrióticos nacionalistas (DIAS, 2013), porém com uma lógica conteudista, no qual priorizava-se o método tradicional descritivo como nos coloca Silva (2010):

¹ Esse movimento educacional surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias, que eram o marco inovador da época. Nesse contexto de avanços científicos, os educadores procuraram introduzir ideias e técnicas que tornassem o processo educacional mais eficiente e mais realizador para o ser humano. Portanto a Escola Nova pretendeu promover a pedagogia da “existência” superando a pedagogia da “essência”, ou seja, tratava-se de não mais submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos e sim voltá-lo para ser único, diferenciado, interagindo com o mundo dinâmico (SANTOS, 2006).

A Geografia foi alçada à disciplina de formação da nacionalidade, pois necessitava conformar o futuro cidadão segundo os novos princípios republicanos [...] Assim, a Geografia passou a ser vista como uma das principais disciplinas, como a que melhor contribuiria para disseminar os valores patrióticos nacionalistas (*apud* DIAS, 2013, p.17).

Para alcançar tal objetivo – formação da nacionalidade – a autora nos acrescenta que a Geografia escolar esteve pautada em métodos de ensino que priorizavam a mnemônica e listas de nomenclaturas, enaltecendo as belezas e potenciais do território (DIAS, 2013). Dessa forma, a crítica aos métodos tradicionais e as novas propostas de ensino implicaram na revisão e na alteração dos pressupostos científicos de fundamentação das atividades pedagógicas.

As metodologias de ensino sempre foram alvos de estudos, autores como Verissimo (1985) e Delgado de Carvalho (1925) já apontavam que grandes problemas giram em torno de como as metodologias de ensino como: conteúdos altamente descritivos, método de ensino mnemônico, nomenclatura como conteúdos, entre outros. É notável que ao longo dos anos essas práticas vão se repetindo, infelizmente são continuidades que teimam em permanecer nas salas de aula de Geografia (ALBUQUERQUE, 2011). No entanto, para tecermos críticas e/ou considerações sobre o ensino da Geografia, precisamos salientar o que compreendemos por metodologia de ensino:

Entendemos a metodologia de ensino de Geografia como uma construção permanente dos professores, teóricos da Geografia e da educação, formada na relação entre seleção e abordagem dos conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais), na fundamentação teórica (ciência de referência), nas “técnicas” de ensino propostas no âmbito da pedagogia (teoria/prática) e nas práticas de sala de aula (ALBUQUERQUE, 2011, p 17).

Assim, podemos entender que os conteúdos e os métodos de ensino não se separam e que as práticas de sala de aula mudam ou permanecem de acordo com vários fatores (objetivos específicos, escolha de métodos e conteúdos, relações sociedade/escola, etc.). As metodologias de ensino são uma construção e as mesmas vêm passando por amplas mudanças sejam elas influenciadas pela prática do dia-a-dia, ou da academia, porém as permanências ainda existem e em geral, podemos visualizar nas práticas dos professores, tanto por resistência a incorporação de novos métodos como por falta de acesso e compreensão de novas propostas (ALBUQUERQUE, 2011).

Dessa forma, a crítica aos métodos de ensino tradicionais e as novas propostas implicaram na revisão e na alteração dos pressupostos científicos de fundamentação das atividades pedagógicas. Desse modo, precisamos pensar no caráter histórico da Geografia escolar, conscientes que novos desafios se impõem no cenário atual da educação, tendo em vista que é cada vez mais recorrente a busca metodologias de ensino mais atraentes que proporcionem um ensino com mais significado.

Diante disso, vamos conhecer no tópico a seguir como essa disciplina escolar se configurou no estado da Paraíba durante o período que compreende nosso recorte temporal de pesquisa.

1.3 AS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EDUCACIONAIS NA PARAÍBA

Na Brasil entre os séculos XIX e XX existia uma dicotomia entre o sistema federal e os provinciais, não existindo um parâmetro de orientação acarretando dificuldades no que diz respeito à consolidação de um sistema educacional de ensino público. “Os programas e os compêndios a serem adotados nos liceus provinciais seguiam as orientações do Colégio Pedro II” (SILVA, 2008, p.15).

Na Paraíba o professor José Batista de Melo foi um dos principais difusores dos ideais escolanovistas na Paraíba, pois ele era uma das pessoas que mais se conciliava com as políticas educacionais implementadas pelo estado, ao longo do governo de Getúlio Vargas. O governo estadual se preocupava em acompanhar as discussões e as políticas públicas no âmbito educacional desenvolvida pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, é importante ressaltar que nesses estados as *Revistas de Ensino* se configuravam como importantes veículos de comunicação tendo em vista que a partir delas circulavam as prescrições metodológicas que norteavam os professores em sala de aula (DIAS, 2013). Segundo Dias (2013), o Brasil sendo um país de dimensões continentais e possuindo a miscigenação entre imigrantes, índios e negros preocupava os educadores e as autoridades públicas, pois não havia até então uma homogeneização no âmbito educacional, e a nossa população incorporava culturas distintas. Diante do entusiasmo pedagógico influenciado pela Escola Nova era necessário que a escola difundisse um sentimento de nacionalidade de forma homogênea. Para tanto, era importante uma realidade escolar padronizada. Para que fosse realizada uma inclusão do projeto de uma escola renovada e haver uma padronização no que era ensinado nas escolas da Paraíba, era necessário que mudanças acontecessem no comportamento

pedagógico dos professores. Dessa forma, as autoridades do estado paraibano, visando uma melhor qualificação dos professores, e conseqüentemente transformá-los em agentes ativos na disseminação de novas metodologias de ensino, recorreram a publicações da *Revista do Ensino* da Paraíba como também a realização de semanas pedagógicas e intercâmbio de professores (PINHEIRO, 2002).

As questões educacionais na Paraíba eram e continuam sendo fortemente influenciadas pela política, tornando-se necessário conhecer um pouco o cenário político do estado para compreender as questões educacionais. Em 1935 o Governador do Estado Dr. Argemiro de Figueiredo foi eleito pela Assembleia constituinte em 25 de janeiro do citado ano, e nomeia para o cargo de diretor do Ensino primário o professor José Baptista de Melo, que tinha a árdua função de realizar uma grande reforma educacional no Estado. O primeiro ato do professor foi fazer uma visita e compreender como as novidades educacionais estavam sendo incorporadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. O governador do Estado estava preocupado com os rumos que o sistema educacional estava trilhando, demonstrando a necessidade de que a reforma educacional ocorresse no seu mandato (SILVA, 2008).

A incorporação de um projeto que visasse uma escola renovada demandava mudanças no comportamento pedagógico do professorado, sobre o qual se assenta “a base de toda reforma que precisa levar avante. E para que ele possa guiar o movimento renovador, faz-se mister que tenha uma mentalidade à altura de tão grande missão” (PINHEIRO, 2002, p.187).

De acordo com Silva (2008), o departamento de educação compreendia as seguintes secções: secretaria, inspetoria geral do ensino, serviços de estatística educacionais, bibliotecas, rádio, cinema educativo, publicidade e instituição auxiliares do ensino, serviços de prédios, mobiliário e almoxarifado. Essa reforma buscava reestruturar a administração educacional, organizando tudo em um só departamento, para tanto o Instituto de Educação passou a compreender a Escola de Professores; a Escola Secundária, igualada ao Colégio Pedro II; a Escola de Aplicação e o Jardim de Infância. Foram criadas a Escola Normal Rural, a Escola Modelo e as Escolas Profissionais. Como afirma Mello (1996),

Além da organização de um Departamento que passaria a superintender todos os trabalhos de Educação, cada uma com as suas diferentes secções, visou também a reforma, como era de se esperar, oferecer novos estímulos do professorado que passava a ter melhores vencimentos, igualdade de

condições, direito e promoções e possibilidade de elevar o nível dos seus conhecimentos técnicos e científicos (*apud* SILVA, 2008, p.55).

As inclusões dessas medidas estavam associadas, de acordo com Pinheiro (2002), à substituição de cadeiras isoladas por grupos escolares, o que gerou uma grande euforia por parte dos gestores das instituições públicas, pois com essa mudança houve a diminuição da evasão escolar. Em 1943 o governador da Paraíba ao comparar grupos escolares com cadeiras isoladas afirma que:

Já houve, aliás épocas em que a matrícula atingia cifras eloquentes, muito mais altas do que nos últimos anos. Entretanto, a frequência, as aprovações e as conclusões de curso eram em cifras inexpressivas. Era que as condições de pessoal e de material, naquelas épocas, não permitiam um rendimento escolar compensador. A evasão escolar era grande, problema que se procurava resolver na Paraíba, dando-se ambiente à infância e à juventude, aumentando-se os grupos escolares, melhorando-se as escolas, criando-se jardins de infância, instalando-se novos grupos e novas escolas (PARAHYBA, 1943 *apud* PINHEIRO, 2002, p.191).

Mesmo com essa diminuição da evasão escolar, esse problema ainda preocupava as autoridades, pois tudo de negativo que acontecia era atribuído à irresponsabilidade do governo, incompetência dos professores ou as problemáticas que a seca trazia, pois era necessário que os alunos migrassem de uma cidade para outra em busca de melhores condições de vida. Mesmo com grandes mudanças sociais, econômicas, culturais e principalmente políticas que aconteciam no país e no estado, o fenômeno da seca ainda afligia a população e era responsabilizado pelos baixos índices de alfabetização e evasão escolar (PINHEIRO, 2002).

Os professores precisavam de uma capacitação para colocar em suas aulas as novas medidas de ensino inspirado nas ideias da Escola Nova. Visando uma melhor qualificação dos docentes, no Rio de Janeiro foram ministrados cursos para o aperfeiçoamento destes para que as novas metodologias de ensino e um novo modelo de organização fossem incorporados nas instituições escolares. As medidas anexadas até então davam um suporte, o que facilitava a inclusão dos novos programas a serem adotados nas escolas, as políticas públicas apoiadas na Escola Nova ganhavam apoio com os grupos escolares.

No que diz respeito às novas técnicas pedagógicas, as principais inovações diziam respeito à incorporação do cinema e o rádio educativo na instrução primária. Esse aspecto deve ser levado em consideração tendo em vista que o cinema em 1921 era visto pelos mais conservadores com algo permissivo, fora que era considerado

nocivo a sociedade e principalmente as crianças e aos adolescentes (PINHEIRO, 2002). Contudo, especificamente 14 anos mais tarde, esse meio de comunicação, ironicamente passou a ser utilizado pelos professores como facilitador da aprendizagem.

Em 1930, com a instalação do Estado Novo, uma nova constituição de 1934 será elaborada, o que vai ocasionar mudanças no campo educacional, simplificando um tipo de dualismo educacional que, como afirma Ghiraldelli (2006), os ricos poderiam participar do ensino público ou bancar seus estudos através da iniciativa particular, já os pobres deveriam ter como destino as escolas profissionais, ou seja, a educação dos mais pobres foi prejudicada, sem a mediação do estado, indo totalmente de encontro a tudo que a reforma educacional da Paraíba tinha proposto até então. A organização Político Partidária entrou em crise, e os antigos grupos hegemônicos perderam parte do controle do Estado, cedendo espaço para os grupos mais ligados ao setor industrial. Com o movimento de 1930 houve uma centralização, o país passou a sofrer grandes mudanças em todos os setores. No que diz respeito ao setor educacional, caracterizou-se no estado da Paraíba pela unificação do ensino primário: todas as escolas até então mantidas pelas prefeituras foram encaminhadas pelo governo estadual.

De acordo com Silva (2008), o Estado Novo trouxe uma nova configuração no setor educacional, o que dificultou a reforma educacional na Paraíba, ajustando possíveis mudanças que seriam incluídas na política educacional em curso. Notamos que existe uma tentativa de inovação no campo educacional o “moderno” era sinônimo de avanço, de encontro com o novo, mesmo que, na maioria das vezes, isso tenha necessariamente feito uma ruptura com certas práticas representativas do “velho” com o “passado”, mas uma tensão entre continuidades e discontinuidades em relação aos ideais tradicionais, ou seja, podemos inferir que a história é construída assim de mudanças e permanências.

Sendo assim, no capítulo a seguir vamos adentrar nas *Revistas do Ensino* que circularam no estado durante esse período de mudanças no cenário educacional.

2. OS RUMOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DA *REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA* (1932-1942)

2.1 A IMPORTÂNCIA DOS IMPRESSOS PEDAGÓGICOS COMO FONTE DE PESQUISA.

Neste capítulo iremos retratar a importância dos impressos pedagógicos como fonte de pesquisa, destacando e caracterizando a *Revista do Ensino* da Paraíba que circulou durante uma década mais especificamente no período de (1932-1942) no estado.

Sabemos que existem vários trabalhos que retratam a história da educação, o uso das fontes como: revistas, jornais, livros didáticos, fontes orais, entre outras estão ganhando cada vez mais notoriedade no cenário nacional; é importante ressaltar o papel do pesquisador que pode influenciar a partir do seu interesse na pesquisa, para desvendar as tramas do conhecimento histórico e suas especificidades no contexto educacional indo além dos muros da escola. De acordo com Zanlorenzi (2010) “discutir sobre educação principalmente as ideologias que influenciava os discursos referentes a essa, é uma forma de vislumbrar os interesses que permeavam e ainda permeiam a educação do povo” (p. 61).

Dessa forma, pesquisar, refletir e debater sobre a história cultural dos usos sociais e saberes escolarizados como o currículo, as metodologias de ensino, as políticas educacionais, as teorias e sua trajetória é uma forma de compreender os pontos de vista das diferentes épocas, ampliando os conhecimentos, rompendo com o que é óbvio e levantando novas questões para serem estudadas, porém é importante destacar que as fontes, os documentos, os objetos não falam por si só, cabe ao pesquisador um olhar mais atento uma vez que ele é que dará o rumo das investigações (ZANLORENZI, 2010). Nessa perspectiva as fontes são imprescindíveis, pois:

[...] resultam da ação histórica do homem e, mesmo que não tenham sido produzidas com a intencionalidade de registrar a sua vida e o seu mundo, acabam testemunhando o mundo dos homens em suas relações com outros homens e com o mundo circundante, a natureza, de forma que produza e reproduza as condições existência e de vida (LOMBARDI, 2004 *apud* ZANLORENZI, 2010 p. 62).

Nesse sentido todas as fontes são válidas, pois como já mencionamos, retratam o contexto histórico e podem contribuir para uma melhor assimilação das questões pesquisadas.

No que se refere as investigações sobre a história das disciplinas escolares, Souza (2007) afirma que estas,

[...]emergem os manuais didáticos, livros de leitura e de literatura infanto-juvenil, cartilhas, programas de ensino, cadernos bibliotecas, periódicos educacionais, panfletos, anuários e toda uma diversidade de impressos, ou seja, de suportes materiais da escrita e da leitura e de difusão e circulação de ideias. Esses estudos, muitos deles transformando fontes de pesquisa em objetos de investigação, tem ampliado significativamente o conhecimento sobre objetos em circulação no universo educacional (p. 171-172).

Como exemplos de estudos abordando a história da leitura e da escrita, manuais didáticos, impressos pedagógicos e periódicos educacionais podemos citar Choppin (2004), Abreu (2000), Belo (2002), Lajolo e Zilberman (1996), Bittencout (1989), Silva (2001), Biccás (2008), Dias (2013). Nesse sentido, o trabalho não está apenas no levantamento das fontes, mas em reconstruir o que se propõe a pesquisar tendo a responsabilidade e a coerência entre a fundamentação teórica e o método científico. Nesse interim, torna-se relevante a distinção entre fontes primárias e fontes secundárias. Podemos compreender como “fontes primárias aquelas que são produzidas numa relação direta com o tema estudado” (GIMENES, 2009 *apud* ZANLORENZI, 2010, p. 63). E como fontes secundárias, “aqueles que nos transmitem os fatos de maneira indireta” (idem, p.110). É preciso estar atento onde se estruturará a análise e investigação das fontes pois, os livros didáticos e as cartilhas de alfabetização são produzidas na escola, contudo, podem ser apropriados para compreender algumas questões fora dos muros desta, como também os objetos de usos sociais diversos que foram criados fora destes muros como o cinema, os jornais, as revistas que podem entrar no universo escolar assumindo novos significados. Desse modo, o que define um objeto é a intencionalidade do seu uso em determinadas situações e condições históricas (SOUZA, 2007).

Sendo assim, podemos compreender a educação como processo que pode ser realizado fora dos muros da escola, por isso a importância de estudar os impressos pedagógicos como fonte de pesquisa. Embora alguns sejam criados fora do ambiente escolar podem servir para explicar questões educacionais e da mesma forma materiais

considerados apenas para o uso e compreensão da escola pode servir por exemplo para explicar questões da sociedade em geral.

Bastos (2002) nos coloca que “os impressos pedagógicos são um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional sendo um excelente observatório” (p. 49).

A imprensa pedagógica se constitui como um material de grande relevância, pois abarca todo o processo educacional, tanto da dinâmica da escola como da vivência do aluno. “A imprensa é o melhor meio para aprender a multiplicidade do campo educacional” (NOVOA, 2002, p. 12). Percebemos que tanto os jornais como as revistas podem fazer parte desse universo educacional no qual relaciona este contexto com a prática escolar uma vez que, podemos encontrar na análise desses materiais projetos políticos, concepções e problemas da época. Diante disso, vale ressaltar o papel da imprensa da seguinte forma:

[...] entendemos que a imprensa, ligada à educação, constitui-se em um “corpus documental” de inúmeras dimensões, pois se consolida como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período. Como também da própria ideologia moral, política e social, possibilitando aos historiadores da educação análises mais ricas a respeito dos discursos educacionais, revelando-nos, ainda, em que medida eles eram recebidos e debatidos na esfera pública, ou seja, qual era a sua ressonância no contexto social (CARVALHO, 2002 *apud* ZANLORENZI, 2010 p. 65).

A partir dessa concepção, podemos analisar a utilização da imprensa pedagógica, para propor novos rumos e interpretações diante do contexto educacional e social em que as mesmas estão inseridas. O pesquisador deve estar atento, como afirma Zanlorenzi (2010):

É necessário que o pesquisador tenha o conhecimento que a imprensa escrita expressa o ponto de vista tendenciosamente daqueles que a produzem, porém esse é um ponto que o pesquisador irá ampliar, pois não há uma disputa entre o certo e o errado, mas sim o desvelar das ideologias presentes e a forma de persuasão utilizada, para influir socialmente (p. 65).

Dessa forma, nossa intenção é analisar como fonte primária as *Revistas do Ensino* da Paraíba, tendo em vista que as mesmas podem ser consideradas um guia prático do cotidiano educacional e escolar, no qual o pesquisador pode investigar o pensamento pedagógico dentro e fora do ambiente escolar (BASTOS, 2002).

2.2 AS REVISTAS DO ENSINO E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO.

A década de 1930 foi marcada por um grande número de publicações pedagógicas, dentre elas as *Revistas do Ensino* foram de fundamental importância para disseminar em todo o país os ideais escolanovistas. A Escola Nova teve uma importante conotação nas questões do aperfeiçoamento da educação; até 1920 existia um sólido padrão de pensamento e de realização educacional que baseava-se num ideário cívico-patriótico da educação com um caráter mais político do que pedagógico (NAGLE, 2009). Porém, o escolanovismo esteve ligado a uma ideologia liberal e nessa época existia uma insatisfação quanto ao papel da escola. Sobre as fases do escolanovismo no Brasil, Nagle (2009) nos assegura que:

A segunda fase de um histórico do escolanovismo no Brasil compreende a década de 1920. Se a primeira é a fase preparatória, a segunda é a de difusão e a das realizações. Nessa fase se encontra a difusão das ideias da Escola Nova, período em que a literatura educacional, além de se expandir, se altera qualitativamente, dada a frequência com que se publicam trabalhos sobre assuntos referentes a “nova pedagogia” (p. 263).

Essa fase foi marcada por uma efervescência ideológica, o que pode ser justificado pelo grande número de publicações e das reformas de ensino em todo o país (NAGLE, 2009). O manifesto dos pioneiros da Escola Nova trazia uma visão de que o professor deveria ser um profissional detentor de uma boa formação capaz de desenvolver uma prática pedagógica regida por princípios científicos (BOMENY, 2015). Esse período consolidava um momento intelectual de um segmento da elite, que apesar de ter diferentes parâmetros ideológicos vislumbrava a possibilidade de auxiliar na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação, ficou marcado como um movimento de renovação educacional. Todos esses acontecimentos relatados contribuem para dar um caráter mais importante às publicações contidas nas *Revistas do Ensino*, tendo em vista que era por elas que circulavam todas as novidades do cenário educacional. Vale ressaltar que as *Revistas do Ensino* eram:

[...] feitas por professores para professores, feitas por alunos e seus pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas. (CATANI, 2002 *apud* ZANLORENZI, 2010 p. 66).

Vários periódicos foram publicados em todo o país que podem nos auxiliar na reflexão sobre a evolução e desenvolvimento da educação no Brasil e várias pesquisas tiveram como fontes primárias as *Revistas do Ensino* a saber: Linguagens Lúdicas como Estratégia Metodológica para a Geografia Escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935) de Angélica Mara de Lima Dias (2013); A Revista Brasileira e os Debates sobre as Ciências, Língua, Leitura e Educação de Elizabeth Menezes Teixeira Leher (2002); Concepções de Professor na Revista do Ensino da Paraíba de Melania Mendonça Rodrigues (2015).

Como o contexto histórico que o país vivenciava foi explicitado no capítulo anterior, nossa intenção agora será adentrarmos no contexto paraibano compreendendo a dimensão dessa revista para o estado. O professor José Baptista de Mello, já citado anteriormente, foi considerado um escolanovista Paraibano, pois, trouxe para a Paraíba significativas mudanças nos anos 1920 e 1930. Ele foi aluno da Escola Normal, fundador da sociedade de professores primários e editor da *Revista o Educador* na década de 1920. Em 08 de Junho de 1932, por sugestão da inspetoria do ensino, foi criada a *Revista de Ensino* com o objetivo de informar aos professores do interior do estado o que estava acontecendo nas cidades mais centrais no que diz respeito a educação (CARVALHO, 2002). Destacamos as contribuições do professor Mello para o estado, pois segundo Kulesza (2011):

Utilizando sua experiência de professor primário e inspetor de ensino, Mello reestruturou completamente o ensino primário. Desde a supressão de nomeações indevidas até a modernização e uniformização dos programas de ensino, passando pela construção de novos grupos escolares no interior do Estado, até a colocação em circulação de uma Revista de Ensino para ser distribuída trimestralmente a todos os professores, podemos identificar em sua gestão à frente do ensino primário e normal da Paraíba uma verdadeira “reforma Baptista de Mello”, nos moldes da reforma Lourenço Filho no Ceará ou de Fernando de Azevedo no Distrito Federal (p.3).

Notamos que as contribuições do professor foram bastante significativas para o progresso da educação no estado, dando as possibilidades necessárias para que acontecesse uma reestruturação da administração como na prática pedagógica, nas questões relacionadas ao ensino público. A seguir, apresentaremos a nossa fonte de pesquisa *Revista do Ensino* da Paraíba.

2.3 A REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA

Existia uma preocupação a partir da década de 1930 no que diz respeito às condições técnicas com a finalidade de renovar as metodologias e os processos de ensino, para isso a criação da *Revista do Ensino* da Paraíba foi uma das primeiras medidas na gestão de José Baptista de Mello, visando um maior e melhor aprimoramento do corpo docente.

A *Revista do Ensino* da Paraíba foi criada pelo decreto nº 287 em 18 de Maio de 1932, produzida pela imprensa oficial e editada pela diretoria de Ensino Primário. A mesma circulou por uma década (1932- 1942), nesse período foram publicados 18 números, distribuídos em 15 exemplares. Os professores do estado eram obrigados a fazer a assinatura da revista que custava cerca de seis mil reis anualmente, mas esse valor poderia ser dividido em parcelas semestrais (RODRIGUES, 2015). No quadro a seguir, veremos as publicações da revista de acordo com o ano de edição:

Quadro 1- Edições da *Revista do Ensino* por ano

| ANOS | MESES | NÚMEROS |
|---------------|----------------------------|----------------------|
| 1932- Ano I | Abril; Julho; Setembro | 1; 2; 3 |
| 1933- Ano II | Março; Setembro | 4 e 5; 6 e 7 |
| 1934- Ano III | Março; Julho; Dezembro | 8 e 9; 10 e 11 |
| 1936- Ano IV | Maió; Setembro; Dez. | 12; 13; 14 |
| 1937- Ano V | Dezembro | 14 (15) ² |
| 1938 Ano VI | Agosto | 16 |
| 1942- Ano X | Abril; Maio; Junho e Julho | 17; 18 |

Fonte: AZEVEDO, 2015.

A periodicidade dessa Revista em alguns anos foi irregular, podemos verificar a publicação de mais de um exemplar em alguns anos, como também a ausência de exemplares, não são publicadas as edições da *Revista* nos seguintes anos: 1935;1939;1940 e 1941. Essa irregularidade nas publicações não é um caso exclusivo apenas na Paraíba, Biccas (2008) ao analisar a *Revista do Ensino* de Minas Gerais também constatou espaços entre algumas edições (AZEVEDO, 2015). Essas constatações podem ser observadas no quadro acima. O conteúdo dessa Revista conta no artigo 2 do decreto nº 287/ 1932:

² No exemplar do ano de 1937 há um risco de caneta esferográfica no número 14, sendo escrito ao lado número 15.

Art. 2º- A Revista do Ensino cuja publicação se fará trimensalmente nas officinas da Imprensa Official, além da matéria de redação a collaboração que deverá versar sobre assumptos de ordem technica e profissional pedagogicas, publicará todos os actos officiaes referentes ao Ensino Primario e normal do Estado e dados estatisticos sobre a Instrução Publica e Particular (ESTADO DA PARAHYBA, 1932 *apud* RODRIGUES 2015 p. 5).

A *Revista do Ensino* é apresentada da seguinte forma “uma Revista por meio da qual pudesse os nossos professores acompanhar a marcha evolutiva do ensino, pela divulgação dos trabalhos sobre os novos methodos e processos pedagógicos” (ESTADO DA PARAHYBA, 1932 p.3). Diante do exposto, como nos assegura Biccás (2008) na prática, as Revistas deveriam ter um duplo caráter, ser um veículo de propaganda governamental na área da instrução pública e ao mesmo tempo ser um instrumento na formação dos professores. Na imagem abaixo apresentamos os exemplares da *Revista do Ensino* da Paraíba.

Figura 1 – As *Revistas do Ensino*



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Nessa perspectiva, a *Revista do Ensino* da Paraíba configura-se como fonte importante da cultura, tendo em vista que a análise desse impresso nos dá a possibilidade de entendermos os anseios do estado, da sociedade e da escola (AZEVEDO, 2015). Essa Revista, ainda com base em Azevedo (2015), caracterizava-se por ter uma natureza técnico-pedagógica, contudo, muito das políticas educacionais vigentes e informações gerais contribuía para agregar conhecimento de forma satisfatória para o avanço da educação. A partir da leitura do sumário das Revistas, percebemos algumas temáticas mais recorrentes no periódico paraibano a saber: Jardins de infância; museus escolares; higienização; psicologia experimental; inspetoria

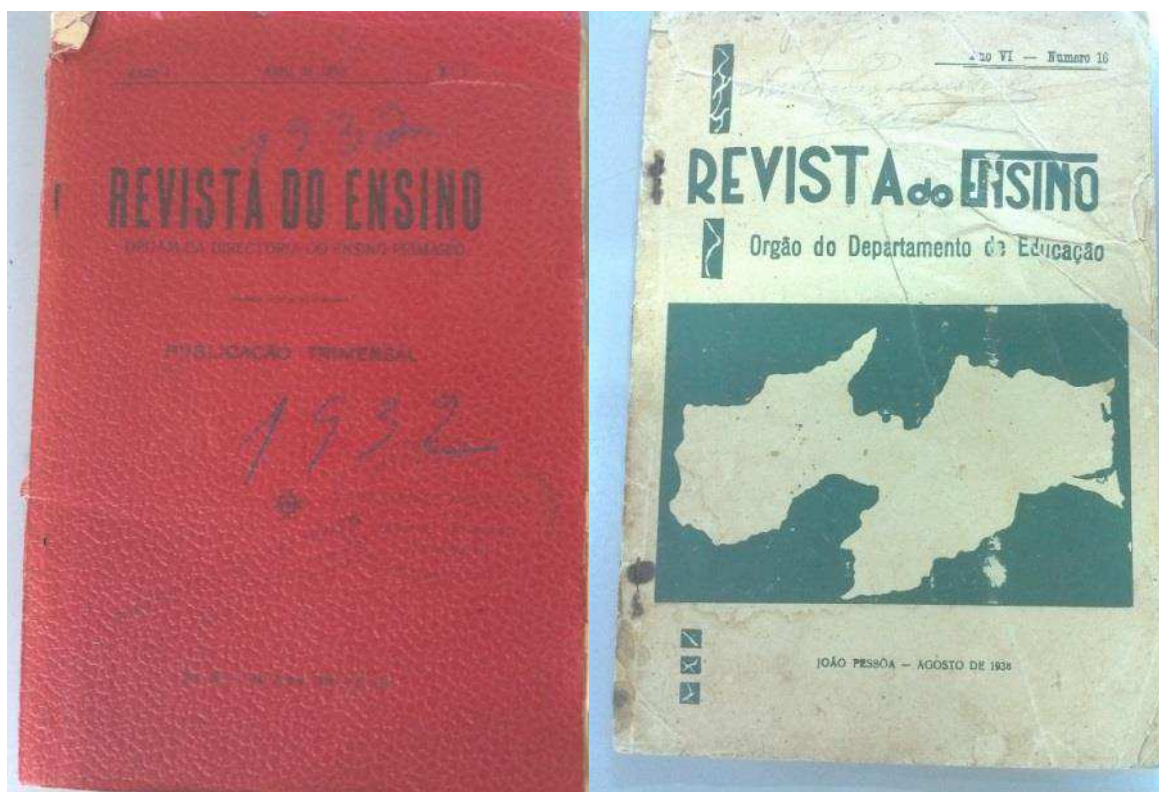
sanitária escolar; Estrutura física das escolas; Atos oficiais referentes ao Ensino primário e Normal do Estado; Seminários e conferências sobre educação; Cinema educativo e Programas de ensino.

As capas das Revistas mantiveram certo padrão com poucas mudanças. “A alteração nas capas começou a partir da Revista número 10 continuou nas edições posteriores, podendo-se inferir que as modificações tornaram-se uma estratégia estética visual para atrair o leitor, conduzindo-o a interiorizar a mensagem que o periódico estava querendo passar” (AZEVEDO, 2015, p. 6-7). Na figura a seguir, podemos observar a evolução no design nas capas das revistas.

Figura 2 – Capas das Revistas.

Revista do Ensino em 1932, ano I, nº1.

Revista do Ensino em 1938, ano VI, nº 16



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Como o autor afirma, é possível notar a diferença entre o exemplar do ano de 1932 com a capa do ano de 1938. Existe uma maior preocupação estética em chamar a atenção do leitor, na segunda imagem percebemos um mapa de localização do estado da Paraíba mostrando o estado como um todo e não em determinadas regiões, buscando talvez uma unificação no que diz respeito ao progresso e evolução das questões

educacionais. Apresentadas as características gerais da *Revista do Ensino*, no próximo capítulo serão realizadas as análises no que diz respeito às orientações metodológicas desta para a Geografia escolar.

3. A GEOGRAFIA ESCOLAR NA *REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA* (1932 – 1942)

3.1 DESVENDANDO A *REVISTA DO ENSINO*: OS CENTROS DE INTERESSES E OS PROGRAMAS DE ENSINO.

Com base nas análises das *Revistas do Ensino* da Paraíba podemos compreender que elas tiveram um perfil mais voltado para as políticas educacionais vigentes, mostrando a preocupação em organizar a escola, neste caso específico os grupos escolares, mostrando diretrizes para que houvesse um melhor funcionamento da mesma; isto é um reflexo da própria política educacional que ocorreu na Paraíba como já mencionamos no capítulo anterior. A reforma educacional que ocorreu no estado seguiu mesma lógica da maioria das reformas educacionais que aconteceram no país entre as décadas de 1930 e 1940, em que mantiveram a preocupação de ressaltar as questões políticas-educacionais em detrimento das questões metodológicas. Vale salientar que, segundo Dias (2013), apenas a reforma educacional de Minas Gerais teve uma conotação diferente, a mesma se preocupou em dar uma maior atenção as metodologias do ensino.

Como produto da reforma educacional paraibana, as *Revistas do Ensino* estão postas como:

Attendendo à necessidade de um orgam de publicação em que sejam divulgados assumptos de ordem technica profissional, e sirva de estimulo a todos que se interessam pelo grande problema na educação, o Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal oficializou a “Revista do Ensino”, tornando obrigatória a sua assinatura para todo o professorado publico do Estado, conforme decreto infra:

DECRETO N. 287, DE MAIO DE 1932

Crea a Revista do Ensino, orgam da Directoria do Ensino Primario do Estado. Gratuliano da Costa Brito, Interventor Federal Interino no Estado da Paraíba.

CONSIDERANDO que a actual difusão que se verifica do Ensino Primário do Estado requer um orgam de sua divulgação e que ao mesmo tempo sirva de estimulo, não só ao professorado como também aos que interessam pelos assumptos pedagógicos e educacionaes: [...] (*REVISTA DO ENSINO*, 1932, AnnoI, nº3, p.61)

Sendo assim, as *Revistas do Ensino* foram criadas para organização escolar do ensino primário, como já afirmamos anteriormente, não encontramos nenhuma

orientação para o ensino secundário, os grupos escolares ganham um papel de destaque tendo em vista que o ensino primário era oferecido por estes.

Do ponto de vista metodológico, as Revistas trabalhavam com os centros de interesse, método criado por Ovide Decroly, sendo ele um dos precursores dos chamados métodos ativos, que tinham como principal característica a possibilidade do aluno construir o seu próprio aprendizado e assim, aprender a aprender. Algumas de suas ideias ainda são observadas nas aulas e coincidem com algumas propostas metodológicas atuais como, por exemplo, a ideia de globalização de conhecimento – que inclui o chamado método global de alfabetização – e dos centros de interesse (FERRARI, 2013). Ao fazer uma análise das principais contribuições de Decroly³ sobre os centros de interesse, Bassan (1978) coloca que estes,

[...] são uma técnica, é um processo de ensino que consiste em agrupar em torno de um mesmo assunto que interessa à criança um conjunto de noções a aprender, de mecanismos a montar, de hábitos a adquirir, condição do perfeito desenvolvimento do ser no meio em que vive e ao qual ele se adapta (apud MATOS, et al, 2004, p. 4).

Assim, Ferrari (2013) nos assegura que os centros de interesse organizados de acordo com as faixas etárias dos estudantes funcionam como grupos de aprendizado, planejados com base na evolução neurológica infantil, partindo do pressuposto que as crianças quando entram na escola são dotadas de condições biológicas para procurar e desenvolver os conhecimentos de acordo com o seu interesse. Contudo, pelo fato de não existir muitos trabalhos que explicassem esse método, ele não foi bem interpretado. Decroly afirmava que tinha um certo receio de escrever sobre suas teorias temendo que elas acabassem perdendo o dinamismo, a sua adaptação e o seu poder de renovação (BASSAN, 1978).

Na *Revista do Ensino*, anno III, número 10 de julho de 1934 encontramos um artigo intitulado *Decroly- O grande Educador* que ressalta algumas das principais contribuições desse autor:

³ De acordo com Feil (1983), Ovide Decroly (1871-1932) nasceu em Renaix, Bélgica, em uma época em que o país vivia um grande momento de inquietação política e educacional. Coursou medicina na Universidade de Gand (Bélgica). Trabalhou em Berlim e em Paris com professores, para mais tarde estabelecer-se definitivamente em Bruxelas, onde inicialmente trabalhou como assistente numa policlínica. Feil (1983) afirma que nesta policlínica observou muito o comportamento das crianças, seus problemas, suas agressividades e suas atitudes. Afirma ainda que foi a partir destas observações e estudos que Decroly realizou com crianças com problemas mentais, que o autor passou a analisar e aplicar suas teorias à crianças portadoras de necessidades especiais (MATOS, et al, 2004).

Como todos os pedagogos modernos, o Dr. Decroly funda seu método sobre o respeito da atividade espontânea e da individualidade. Põe no primeiro plano a iniciativa, o sentido da responsabilidade, a disciplina livre [...]. O bom Dr. Decroly achava que o papel do educador era preparar a criança “para a vida geral e para a vida social em particular”. Era preciso portanto fazê-la conhecer sua própria personalidade e conhecimento do meio natural no qual ele vive (REVISTA DO ENSINO, 1934, p. 22).

Decroly tinha a concepção de que a escola deve estar a serviço do aluno e não o aluno a serviço da escola, dessa forma ele respeita as individualidades da criança para que as mesmas conheçam os seus limites e depois conheçam o meio natural e humano em que ela está inserida. Primeiro o interesse deve partir do aluno e depois ligar os estudos a um centro de interesse, “partindo do estudo, das suas necessidades e das condições nas quais se realizarão, abraça-se gradualmente, o estudo completo do homem e seu meio” (REVISTA DO ENSINO, 1934, p. 22). Ainda de acordo com a Revista, esta explica que os centros de interesse funcionam da seguinte forma:

E assim por exemplo, que partindo do pão e do vestuário, abodarseá-a a digestão, a circulação, as fricções da pele depois a cultura do trigo, tecidos, a história dos costumes e das artes, geografia natural e econômica. Durante este estudo, o aluno é convidado a observar e a lembrar-se de tudo o que pôde saber dizendo respeito ao pão e ao vestuário. O que ele não sabe é-lhe fornecido por documentos: fotografias, desenhos, amostras, etc. e convida-se para reproduzir e colecionar; enfim tem que procurar nos livros tudo que diz respeito ao seu estudo e fazer um resumo. Pondo, portanto em ação suas faculdades de observação, de associação e de expressão, essa últimas por todos os meios possíveis: desenhos, coloração, modelagem, recorte, leitura, escrita, redação espontânea, etc. (REVISTA DO ENSINO, 1934, p. 22).

Os tais centros de interesse, em um primeiro momento podem parecer muito globais, mas a medida que a criança vai estudando, as especificidades vão aparecendo, como também, a importância daquilo que está sendo analisado (BASSAN, 1978). A autora que descreve o método de Decroly é Hamaide (1929), ela pode falar com propriedade, pois, trabalhou na escola de Decroly. Este método, segundo a autora, destinava-se as crianças das classes primárias. De acordo com os centros de interesse a criança passa por três momentos que são eles:

- 1º Observação: este momento consiste em habituar a criança ao conhecimento dos fenômenos, fazendo-a procurar a causa e observar as consequências, dar-lhe de maneira mais concreta possível às noções complexas relativas à vida, fazê-la estudar as manifestações da vida nos seres. Ela relata que essas lições são divididas em dois grupos: lições de observação ocasional que são observações obtidas no cotidiano da sala de aula, por exemplo, crescimento de uma planta, mudanças meteorológicas,

morte de um animal, etc., e as lições de observação direta que estão ligadas ao centro de interesse em estudo.

- 2º Associação: as lições de associação têm por fim levar a criança a ligar os conhecimentos novos, adquiridos pela observação, com outros já sabidos e trazidos à memória. Para atingir esse objetivo o professor (a) aproximará da personalidade e da vida do aluno as noções adquiridas, fazendo-o tirar conclusões de ordem intelectual e moral. Para Hamaide (1929), as lições de associação põem em jogo a imaginação infantil e fazem as crianças confrontarem o que percebem no momento com o que já perceberam de análogo anteriormente. Para autora as lições de observação têm grande importância também sob o ponto de vista moral e social, pois delas decorre, para a criança, a noção de quanto deve a seus semelhantes e daí vem, naturalmente, a idéia de solidariedade e acrescenta que tais lições têm ainda o fim de conhecer o “determinismo das coisas” facilmente compreendido pela criança.
- 3º Expressão: compreende tudo o que permite a tradução do pensamento, tornando-o acessível aos outros. Referindo-se à palavra, à escrita, ao desenho e principalmente ao trabalho manual, em relação com uma idéia que se procura materializar, precisar. Baseada no estudo de Decroly, a autora afirma que estas lições dividem-se em expressão concreta (modelagem, recorte, cartonagem, desenho) e em expressão abstrata (leitura, conversação, escrita, ortografia, trabalhos espontâneos)(HAMAIDE, 1929 *apud* MATOS, et al, 2004, p. 6).

Nos centros de interesse de Decroly existem todas as matérias, porém são distribuídos de outras formas e não seguem uma hierarquia, são baseadas na capacidade da criança. A associação no tempo e no espaço corresponde à história e a Geografia, a expressão compreende a língua materna, inclusive a ortografia, decoração, trabalhos manuais, o cálculo estava ligado à observação (MATOS, et al, 2004).

Para Decroly, as crianças não deveriam ser tratadas com um depósito de conteúdo, sendo assim “a escola é o lugar onde a personalidade se elabora e toma consciência de si mesmo sem constrangimento artificial, na alegria de viver” (REVISTA DO ENSINO, 1934, p.23). Nas escolas onde esse método era incorporado em vez das carteiras ficarem separadas deveriam ser organizadas em forma de “U” e os alunos ficavam sempre em grupos. Os jogos, os passeios e as conversas ocupavam lugar de destaque, de acordo com as estações do ano as crianças iam para o campo semear legumes, cuidavam de pequenos animais. Notava-se uma grande atividade, janelas abertas ao sol, sobre as mesas plantas colhidas e fresquinhas, mapas geográficos entre outras coisas. Matos (2004) afirma que com o método de Decroly várias atividades podem ser realizadas, muitas delas ainda são utilizadas atualmente, como por exemplo: História de quadrinhos sem texto, dominó de cores e formas, jogos da memória, quebra-cabeça, jogos de encaixe de números à representação da quantidade, jogos de

classificação, entre outros. É possível ainda hoje encontrar muitas dessas atividades nos livros didáticos e em revistas.

Nas *Revistas do Ensino* encontramos os centros de interesse da seguinte forma:

CENTRO DE INTERESSE A BANDEIRA

Professora Luiza Gonzaga de Noronha

Ditado

A nossa bandeira foi criada após quatro dias da proclamação da república. Ela mantém a tradição das antigas cores verde e amarelo, dispostas em formas diferentes contendo cada uma a sua significação.

O verde está disposto em forma retangular e o amarelo em forma de um losagulo. Aquele representa as nossas matas verdejantes, a nossa flora, a nossa riqueza vegetal este, o ouro que existe em nosso solo e os outros minerais. No centro do losago há uma esfera azul representando o nosso céu, sempre tão lindo e tão azul. Atravessa esta esfera uma faixa branca, com legenda - “ordem e progresso” - A esfera azul é pontuada por 21 estrelas que representam os Estados e o Distrito Federal do nosso amado Brasil. O branco da faixa simbólica a pureza dos ideais brasileiros e a legenda “ordem e progresso”, a aspiração do povo[...]. (REVISTA DO ENSINO, 1942, p.76).

A partir desse texto, ou melhor, desse centro de interesse (no caso a bandeira), o conteúdo é trabalhado nas diferentes áreas do conhecimento: História do Brasil, Política, Agricultura, Botânica, mineralogia, dando uma maior ênfase a gramática. Para a Geografia política a revista sugere trabalhar com jogos da seguinte forma:

Geografia Política

Jogos com Bandeiras de várias nacionalidades confeccionados pelos meninos: Cartões retangulares coloridos com as cores nacionais de vários países. Mistura-las e fazer-lhes compor as citadas Bandeiras. Junto a estas uma Bandeira Nacional cortada irregularmente.

Desenho:

Durante o tempo em que o centro de interesse perdurar em classe deve ser renovado o desenho da Bandeira em quadro-negro, sendo em cada dia executado por um aluno diferente (REVISTA DO ENSINO, 1942, p.80).

A Revista também traz um poema, que foi feito por uma aluna e foi publicado para nortear os professores em suas aulas de como poderia ser trabalhado esse tema em sala de aula:

Poesia – Literatura

O! minha linda bandeira
 Tão querida e tão amada
 Surgindo sempre altaneira
 E por Deus abençoada!
 Tuas dores representam
 A riqueza do Brasil
 Sem elas não resplandeces
 Neste céu a côr de anil.
 E's por todos os teus filhos
 Estimada a estremecida
 E desde o pequeno ao grande
 Tu és por todos querida.
 Digo ao ver-te desfraldada
 Enfim ó! linda bandeira:
 - E's gloria da Pátria amada
 - E's nume da pátria inteira!

Pensamento acerca da Bandeira, aproveitado para análise, tirado do cardeno de Luízinha de França Lemos, aluna do 4º ano (REVISTA DO ENSINO, 1942, p. 76)

Podemos compreender através desses textos que a *Revista do Ensino* tenta difundir um sentimento nacionalista patriótico, valorizando os símbolos do nosso país. É interessante notar como o conteúdo é trabalhado nas diferentes áreas do conhecimento, a partir de um tema gerador vão surgindo as especificidades. A forma como se trabalha a Geografia política para época consiste em uma inovação, tendo em vista que a maioria dos professores utilizava o método mnemônico. A sugestão é que os alunos conheçam os demais países a partir de um jogo, no qual eles precisam montar as bandeiras dos respectivos países, mas antes já se havia trabalhado a bandeira do Brasil, ou seja, a visão do local para o global é estimulada nos alunos. O uso de diferentes linguagens como o poema é uma ferramenta relevante, considerando a importância de reconhecer a linguagem geográfica em diferentes contextos, o que possibilita uma visão de mundo, de pensar o espaço a partir de uma leitura que não é tão usada em sala de aula, que permite o desenvolvimento das emoções e da fantasia tornando o processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso e enriquecedor. A seguir, mostramos mais um centro de interesse trabalhado na Revista:

Centro de interesse – A árvore

Levar a classe a observar uma árvore. a sombra, o tronco, os galhos, os ramos, as folhas, as flores, etc. O vento. Na sala de aula observar os objetos feitos de madeira sendo possível mostrar um tronco de árvore cortado e ensinar os nomes das diversas partes, tocando-as as crianças. falar da lenha do carvão e da proteção que os meninos devem dispensar as plantas. Fazer observar pedações de madeira toscas e envernizadas. Árvores frutíferas. O

pomar. Outras arvores, passarinhos, ninhos, abelhas e outros insectos, etc.(
REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 82).

Nesse centro de interesse, estudando uma singela árvore os alunos ampliam sua visão sob diferentes perspectivas. É possível identificar tanto os aspectos naturais como os aspectos humanos e econômicos interligando várias matérias como a Geografia e a Ciência.

3.2 OS PROGRAMAS DE ENSINO: UM OLHAR PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR.

Os programas de ensino surgem para suprir as necessidades do ensino, então a diretoria do departamento de educação do estado estabelece esses programas. Serviriam de guia e orientação aos professores do ensino primário. Os níveis de ensino estavam distribuídos do 1º ao 6º do ensino primário e tinham orientações para todas as matérias. De acordo com a Revista, as matérias por não mudarem a sua essência, davam a possibilidade dos professores terem uma maior liberdade quanto a sua aplicação. Houve uma mudança em 1936, dentre as referidas modificações o acréscimo de um grau junto ao último ano do programa para se constituir o ensino complementar, estabelecendo um intermédio entre o primário e o secundário.

O ensino primário nas escolas rudimentares era realizado em quatro graus; o elementar, nos grupos escolares e nas escolas isoladas, em cinco, e somente nos grupos de primeira categoria, seria instituído o curso complementar. Os programas de ensino não são publicados em todos os exemplares das Revistas, no ano de 1932 são publicados os primeiros programas do 1º ao 6º ano, em 1936 são publicados três exemplares da revista um em Março sem nenhum programa de ensino, outro em Setembro em que são publicados do 1º ao 3º ano e um em Dezembro com a continuação do 4º ao 5º ano e o 1º e o 2º ano do ensino complementar.

Nossa intenção é analisar todos os programas de ensino relacionados à disciplina Geografia, contudo, ao fazermos a análise notamos que os programas de ensino publicados no ano de 1936 não sofreram alterações sendo os mesmos publicados no ano de 1932. Até a modificação que dizia respeito ao 1º ano do ensino complementar corresponde ao 6º do programa de ensino de 1932 e o 2º ano do ensino complementar tem pouquíssimas alterações como vemos a seguir. Dessa forma, especificaremos o ano da publicação e como os programas deveriam ser aplicados “O secretário do interior e

segurança publica resolve determinar que sejam adoptados nos Grupos escolares, Escolas reunidas e isoladas do ensino publico primário do Estado os programas apenso à presente portaria” (REVISTA DE ENSINO, 1932, p.73) mostraremos cada grau de ensino e seus respectivos anos nos quadros abaixo:

Revista do Ensino anno I nº 2 em 1932

Quadro 2 - Programa de ensino para o 1º anno.

| 1º Anno – Geographia |
|---|
| <p>Primeiro Semestre: Lado direito e esquerdo. A sala de aula, sua posição relativamente aos lados do prédio. Comprimento, largura e altura. Parte anterior e posterior do prédio. Pontos cardiaes. Orientação. Ruas e praças que limitam a sede escolar. Medir a palmos o tampo da carteira. Levar os alumnos a um ponto de onde passa mostrar a direcção do rio principal, da estrada de ferro, das de rodagem e dos municípios visinhos. Excursões ás uzinas, fazendas, etc.</p> |
| <p>Segundo Semestre: Começar os exercícios de cartografia desenhando a sede da escola com duas ou três ruas, as estradas de ferro e de rodagem que vão ás localidades vizinhas. Levar os alumnos aos principaes bairros da cidade. Ensinar os edificios públicos, a utilidade dos correios, telégraphos, pharmacias, lojas, mercearias, praças, etc. Nomes das cidades mais próximas. Meios de transportes usados na localidade, feiras. O professor desenhe o contorno do Brasil e o de cada Estado. Em seguida recorta cada estado com o nome, em outro papel. Reúna os alumnos em torno da mesa e mande que um menino tire o maior Estado. Escolhido este, passe o alumno colla ao redor e o coloque no mappa desenhado. A professora dirá então algumas particularidades interessantes. Ex: do Amazonas: tem o maior rio do mundo onde há uma flôr tão grande, chamada Victoria Regia, que accomoda uma criança, sentada em cima. Fazer no taboleiro de areia os accidentes geográficos conhecidos nas excursões ou desenhal-os no quadro-negro.</p> |

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 80.

Percebemos que os assuntos trabalhados partem da realidade dos alunos, a sugestão é trabalhar o bairro, a escola, os pontos de referências. É mencionado que os alunos devem medir a palmos as carteiras. Podemos assim entender noções de escala como também a importância de saber se localizar, estimulando nos alunos a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade tendo em vista a sua transformação. No segundo semestre, os alunos são estimulados a criar o que nós chamamos atualmente de mapas mentais, que ajuda na compreensão geográfica no qual os mesmos constroem a espacialização dos lugares que conhecem e que faz parte da sua cultura e substitui o processo convencional de anotações sob forma de listagem. Notamos que os professores procuram trazer um maior dinamismo para as suas aulas em que, os alunos vão ter que se levantar e se movimentar, analisar e escolher os estados para fazer a colagem sobre o mapa do Brasil. O próximo quadro diz respeito ao programa de ensino destinado ao 2º ano do ensino primário.

Quadro 3 - Programa de ensino para o 2º Anno.

| 2º Anno – Geographia |
|---|
| Primeiro Semestre: Reproduzir no taboleiro de areia ou no quadro negro os accidentes geográficos aprendidos nas excursões. Recapitular com a classe o estudo do mappa do Brasil e da sede escolar feito no 1º anno, Collecconar vistas das localidades. Mandar um menino ensinar uma rua a outro. Traçar planta de trechos da localidade com indicação das ruas e edificios conhecidos dos alumnos. Excursões a essas ruas e edificios. |
| Segundo Semestre: O município com as suas povoações, accidentes geographicos, estradas de ferro, de rodagem, navegação fluvial e marítima, etc. Meios de transporte. Conhecimento, pelas excursões das fábricas, usinas, fazendas de criação dos arredores da localidade. Meio de vida dos habitantes. Nota: Na sala deve haver o mappa do município. |

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932, anno I n° 2, p 93.

Nesse programa para o segundo ano, segue-se uma sequência didática em que os alunos terão que ter a base do primeiro ano. Notamos o uso da cartografia no qual os alunos devem saber se localizar e mais uma vez são estimulados a produzir os seus próprios mapas mentais, o uso da linguagem cartográfica é importante pois contribui para que os alunos aprendam a ler os mapas como também representar o espaço. Excussões também são mencionadas, que atualmente conhecemos como estudo do meio. No segundo semestre, os alunos vão estudar o município onde eles moram e os meios de transporte, mais uma vez mostra-se uma preocupação de relacionar a vivência do aluno, a partir de visitas na própria cidade para conhecer o estilo de vida dos habitantes. O espaço vivido e a paisagem local ganham destaque, o que auxilia a compreender o papel da sociedade e contribuir para entender a organização do espaço geográfico. Dando continuidade aos programas de ensino veremos no quadro abaixo os assuntos destinados ao 3º ano do ensino primário.

Quadro 4 - Programas de ensino para o 3º Anno.

| 3º Anno – Geographia |
|--|
| Primeiro Semestre: Descobrir na carta da cidade a rua em que está o edificio da escola, o lugar da casa em que reside o menino e as ruas onde habitam seus parentes e conhecidos. Traçar no quadro-negro o contorno do Estado da Parahyba com os limites e fazer as creanças reproduzil-o nos cadernos. Ensinar o principal rio das duas vertentes. Os logares por eles banhados. Os afluentes. Os outros rios. As serras dos limites. As outras serras. As cidades, os meios de comunicação entre elas. As villas. A costa: enseadas, portos, bahias. Estradas de ferro e de rodagem. Nota:- A professora faz o desenho da cada lição, no quadro negro, fala sobre a lição; os alumnos copiam o desenho e tomam as necessárias notas. Na aula seguinte um alumno faz a lição com o respectivo desenho. |
| Segundo Semestre: Recapitulação do 1º semestre com o estudo dos municípios, produção, meios de transporte, exportação, riquezas mineraes, criação, vias de communicação, commercio com Estados vizinhos e com a capital, madeirass de lei, construção marcenaria, o pau Brasil, fructas, as secas, obras contra as secas, as nossas matas, o juazeiro, a carnaúba, o gravatá, o |

chique-chique, o facheiro e a palmatoria, plantas medicinaes, o bicho da seda e os outros insectos uteis, a lagarta rosada, o algodão, animaes das nossas mattas, população, superfície, etc. O vermelho do café. Localizar a Parahyba no mappa do Brasil. Traçar o contorno do mappa. O dia e a noite.

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 104.

Permanece no 3º ano o uso da linguagem cartográfica dessa vez enfatizando os limites do Estado, então a questão do território é ressaltada como também os aspectos físicos como a presença dos rios e das serras. No segundo semestre, a preocupação é de fazer uma revisão dos conteúdos estudados nos anos anteriores como também estudar a vegetação destacando as plantas nativas da região e a sua utilidade. Há um avanço em vez de o mapa ser apenas do município a análise agora deve ser feita do mapa do estado, e em seguida saber localizar em uma escala maior que no que é destacar a Paraíba no mapa do Brasil. O quadro a seguir retrata os programas de ensino para o 4º ano do ensino primário.

Quadro 5- Programa de ensino para o 4º anno.

| 4º Anno- Geographia |
|--|
| <p>Primeiro Semestre: Formas da terra. Movimentos. Os oceanos, os mares, as marés. Os continentes. As partes do mundo. O maior oceano. A maior parte do mundo (a Asia), A mais civilizada (a Europa). Portugal (ver no mapa onde fica situado). O Brasil- posição na América. Paizes limitrophes. Traçar o mappa. Superfície. População. Povos que emigraram para o Brasil: italiano, portuguez, hespanhol, allemão, etc. As maravilhas do Brasil: O rio Amazonas, as mattas do Amazonas, a bahia de Guanabara no Rio de Janeiro e a cachoeira de Paulo Afonso no rio S. Francisco. Divisão política do Brasil. A capital do paiz. Os estados e suas capitaes. Os Estados centaes. Os marítimos. Os que formam o nordeste. Os banhados pelos grandes rios. Viagens simuladas nesses rios. Os maiores: o Amazonas com suas malas e seringas para onde ia grande número de sertanejos do nordeste a procura de trabalho nos tempos em que a borracha estava valorizada; Mato Grosso que tem imensos campos de criação. Os menores que a Parahyba: Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Espirito Santo, Rio de Janeiro. Os que tem maior conta(Pará e Bahia). O que tem menos costa (Piauhy). Fazer os alumnos dizerem com promptidão a capital de cada estado. Perguntar entre que estado fica um outro. Qual o estdo que fica entre Rio Grande do Norte e Pernambuco? Os que ficam entre Espirito Santo e Parahyba? Fazer viagens simuladas para o norte e para o sul, tocando nos portos. Nem todos os navios tocam em todos os portos. Os transatlânticos (cidades flutuantes) não atrecaram em Cabedello. São navios de grande caldo. Para ir da Parahyba ao Rio em transatlântico é preciso tomar o vapor em Recife. Esses navios saem de Recife, tocam na Bahia e no Rio. A viagem é feita em 3 ou 5 dias. Os navios do Lloyd Nacional os “Ita” e os “Ara” que fazem as viagens regularmente entre os portos do Brasil e os paizes estrangeiros. Esees, além de tocarem no grandes portos também atracam nos menos importantes. Estudar o oceano que banha o Brasil. Collecionar vistas dos Estados.</p> |
| <p>Segundo Semestre: Recapitulação dos estados. Portos de grande commercio: S.Paulo- O porto de Santos cujo principal produto de exportação é o café. Importam café de Santos: os Estados Unidos, Allemanha, França, Belgica, Hollanda, Argentina. Rio de Janeiro- Na bahia de Guanabara porto muito movimentado. Capital do Paiz. Cidade linda. Bahia – o porto de Salvador. Exportação Cacau e fumo. Rio Grande do Sul – Portos comerciantes: Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Exportação de carne. Pernambuco – Recife, Porto de grande exportação de assucar. Amazonas – Manãos sobre o rio Amazonas. Exportação de borracha. Espirito Santo</p> |

– Victoria, porto. Exporta matte e madeiras (pinho), Estudar os outros portos. O porto de cabedello cujo principal produto exportado é o algodão. Exportadirectamente para diversas praças estrangeiras: Hamburgo, Liverpool, Amsterdam, e também para o sul do paiz como : S. Paulo, Rio, etc. As serras do norte do Brasil. As que separam as vertentes e as mais elevadas. A costa com seus accidentes. Linhas de navegação do Brasil com os diversos paizes da Europa, com a América do Norte e do Sul. Estudal-as no mappa. Superficie e população do Brasil. Produções nos três reinos da natureza. Clima, estações. Traçar em cada lição o mappa.

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 113-115.

Os alunos agora no 4º ano saem da escala local e vão para escala global, então os continentes são estudados como também as formas da terra ainda continua de forma bem enfática a presença dos mapas para a explicação dos conteúdos. A população e os emigrantes que chegaram ao Brasil são estudados, os aspectos patrióticos nacionais são destacados a partir das belezas naturais presentes em nosso país, a divisão política dos estados destacando a sua importância no cenário nacional, o uso da memorização é enfatizado no qual os alunos precisam decorar com “prontidão” não apenas o nome dos estados mas quais estados ficam entre um e outro. Talvez devido à falta de recursos, é sugerido fazer simulação de viagens, achamos bastante interessante esse recurso, pois consiste em uma forma de utilizar a imaginação dos alunos. Um dos meios de transporte que é bem destacado são os navios, uma vez que as rodovias ainda não tinham sido estabelecidas de forma a ligar as capitais do país e a importância dos portos e dos produtos que são exportados tanto entre as regiões do país também ganham espaço. As discussões sobre os três reinos da natureza e o clima também é feita sem esquecer do uso dos mapas. Apresentaremos agora os programas de ensino pra o 5º ano do ensino primário:

Quadro 6 - Programa de ensino da revista para o 5º Anno .

| 5º Anno – Geographia |
|---|
| <p>Primeiro semestre: Recapitulação da divisão politica do Brasil estudada no 4º anno. População e superficie. Estudo mais desenvolvido da costa. As dunas no Rio Grande do Norte. Os Mangues. Os Recife. As praias de banho. Os Pharões . Os cabos . As ilhas. Meios de vida dos habitantes da costa. Os portos mais importantes.[...] (Mesma discursão do 4º anno) Mapas do Brasil com Estados e os portos, feitos no caderno. Commercio externo – Productos brasileiros que vão para o estrangeiro: café, algodão, fructas, castanhas, madeiras. Productos estrangeiros que vem para o Brasil: bacalhau, tecidos, trigo, machinas, productos de ferro e aço, perfumes, vidros, automóveis, etc. Comércio interno – As estradas de ferro, as de rodagem e navegação costeira muito tem concirrido para o desenvolvimento do commercio interno. As tocas dos productos entre os estados, os navios cargueiros de algodão, sal, frutas, borrachas, peixes, etc. que vão para o sul. Os que vem do sul carregados de farinha de trigo, maçãs, manteiga, queijo, carnes, matte, madeiras e etc.</p> |
| <p>Segundo Semestre: Hidrografia os rios mais importantes das três vertentes. O Amazonas, o São Franscico e os Rios Perenes e temporárias , viagens simuladas pelos rios navegáveis, as cachoeiras, como são representadas nos mapas. Orographia – As serras separam as vetentes. Os planlto a serra mais alta. Estas lições devem ser feitas no mappa, nos cadernos. A professora traça o mappa na pedra, coloca as serras ou rios e etc; os alumnos reproduzem o desenho nos cadernos acompanhado das respctivas notas, Na aula seguinte o alumno fará o desenho na pedra colocando ele mesmo ou outro colega os accidentes. Riquezas minerais. excursão a uma mina, sendo possível. Descrever uma mina, o trabalho dos</p> |

mineiros, comunicação entre a superfície da terra e o interior da mina, meios de transportes dentro da mina. Meios de comunicação entre os estados do Brasil. produções do reino vegetal – Plantas de todas as regiões do Brasil. Reino animal – Criação de gado no Estados, outros animais das nossas matas, animais uteis e nocivos. Clima dos diferentes Estados. Ligeiro estudo sobre a América – Paizes, montanhas, rios, mares etc. Estudo comparativo do clima dos diversos paizes. Relações entre os paizes da America e o Brasil. Traçar o mappa da America colocando nelle o Brasil.

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 123-126.

No programa de ensino destinado ao 5º ano, percebe-se a mesma discussão relacionada aos conteúdos estabelecidos no 4ºano. O comércio externo é estudado a partir da descrição dos produtos exportados, como também o comércio interno e os meios de transporte por onde é feita essa circulação das mercadorias dentro do país, principalmente pelas estradas de ferro, as de rodagem e a navegação costeira são responsabilizadas pelo desenvolvimento do comércio interno. No segundo semestre, as questões destinadas a Geografia física são enfatizadas, o fato que ganha uma maior atenção é o uso do mapa desenhado em pedras de ardósia em que os alunos tem que reproduzir da mesma forma que o professor, é interessante observar a questão do desenho, pois ele se torna um grande aliado da Geografia, as riquezas minerais também aparecem, mais uma vez o estudo da vegetação é feito dessa vez a partir de outros estados como também o reino animal, é um programa de ensino mais direcionado para as características físicas primeiro do Brasil depois dos outros continentes, mais uma vez o mapa evolui uma escala e agora os alunos terão que localizar o Brasil no mapa da América. Para o 6º ano do ensino primário os assuntos estão organizados de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 7 - Programa de ensino para o 6º ano.

| 6º Anno – Geographia |
|---|
| <p>Primeiro Semestre: Recapitular e desenvolver o estudo do Brasil feito no 5º ano. Estudo da América mais desenvolvido. Os cinco oceanos, seus movimentos. Movimentos da terra, zonas e círculos terrestres. Forma da terra, rosa dos ventos, horizonte. Ensinar a lêr as distancias dos logares pela escala da carta. Mappa do Brasil e da America. A Parahyba – Seu governo, limites, zonas em que está dividida. Produções no reino vegetal, animal e mineral. a costa com os acidentes. O porto de Cabello. As enseadas e a Bahia da traição. População e superfície. Traçar mappa da Parahyba com as lições estudadas.</p> |
| <p>Segundo Semestre: Continuar o estudo da Parahyba , cidades, meios de comunicação entre eles e as vilas. Municipios produções principaes de cada um deles. Meios de comunicação no Estado. Rios e serras. Estradas de ferro e de rodagem. Curiosidades dos estados. Mappa da Parahyba estudando cada uma das lições. Ligeiro estudo sobre a Europa, Asia, Arica e Oceania. Viagens simuladas a essas partes, relações entre elas e o Brasil. Viagens de circunavegação. Clima, animais e vegetaes das diversas regiões, etc.</p> |

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 136.

Para o 6º ano o programa começa com uma revisão dos conteúdos estudados no 5º ano, no qual o estudo das Américas deve ser mais desenvolvido, noções de escala

também são ressaltadas uma vez que os alunos devem ler e compreender as distâncias dos lugares na perspectiva do Brasil, da América e da Paraíba. No segundo semestre, o estudo da Paraíba ganha continuidade, aparecendo com mais destaque, no qual os alunos aprofundam seus conhecimentos sobre a paisagem local e as relações comerciais e sociais presentes no nosso estado. Realiza-se um breve estudo da Europa, e os outros continentes incluindo questões físicas dos mesmos e os alunos mais uma vez são estimulados a simular viagens para diferentes regiões, isso é uma forma de conhecer outros aspectos, por exemplo, culturais das diferentes regiões. Finalizando os programas de ensino, no quadro abaixo faremos menção aos conteúdos destinados ao 2º ano do ensino complementar:

Revista de Ensino Anno IV nº14 de 1936

Quadro 8 - Programa de ensino para o 2º ano do ensino complementar.

| 2º Anno Complementar – Geographia |
|---|
| Principaes denominações dadas aos accidentes geographicos. As partes do mundo. Os continentes. Forma da Terra. Principaes movimentos de terra. Eixo. Polos. Equador. Parallelos. Tropicós. Circulos Polares. Astros. Planetas. O cruzeiro do sul. Pontos cadeaes e collateraes. Orientação pelo nascer e do por do sol, pelo Cruzeiro do Sul e pela bussola. Principaes acidentes da geografia physica dos continentes. Raças. Paizes. Govêrno. Paizes da America do Sul e suas capitaes. |

Fonte: REVISTA DO ENSINO 1936, Anno IV nº 14, p 109.

Nesse programa específico para o 2º ano do ensino complementar, a principal diferença diz respeito ao estudo dos paralelos, dos trópicos, os astros e planetas, como também os pontos cardeais e a orientação pelo nascer do sol e o estudo das raças ganham uma maior notoriedade, os demais assuntos são iguais aos conteúdos estudados nos anos anteriores e não existe a divisão do primeiro e segundo semestre.

De forma geral, quando comparamos os programas de ensino da Revista com os Parâmetros Curriculares Nacionais que utilizamos atualmente para nortear as aulas de Geografia, percebemos que a sequência didática permanece sem muitas alterações de acordo com os PCN(1997) do 1º ao 4º ano do primeiro ciclo que corresponde ao ensino primário, as orientações correspondem: ao estudo da paisagem local; tudo é natureza; conservando o ambiente; transformando a natureza: diferentes paisagens; o lugar e a paisagem. Destacamos os objetivos dos PCN que mais se assemelham com as proposições da revista para poder fazer as devidas comparações:

- Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, às diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;

- Conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer;
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 89).

Dessa forma, muito do que estudamos atualmente tem influência do passado tendo em vista que as orientações da revista segue essa mesma lógica de estudar o lugar de vivência do aluno a escola, o bairro, a cidade para depois partir para uma escala global. Nas décadas passadas correspondentes a circulação da Revista, os métodos de memorização estavam mais presentes e de forma mais enfática no qual os alunos deveriam decorar os nomes dos Estados e suas respectivas capitais. O uso dos recursos didáticos mencionados nas Revistas diziam respeito as condições da época, como por exemplo, o uso de pedras de ardósia para fazer os desenhos dos mapas, as simulações de viagens, podemos inferir que a utilização dos mesmos diziam respeito a falta de condições financeiras e também a falta de investimento do estado em relação aos materiais para que a aprendizagem fosse de fato significativa. Devemos levar em consideração que não existia a facilidade tecnológica que temos atualmente, que auxilia bastante no que diz respeito ao uso de inovações na prática pedagógica. Mas que para a época, mesmo que de forma tímida buscava-se procurar novas formas de trabalhar os conteúdos tendo em vista a influência da escola nova no Brasil.

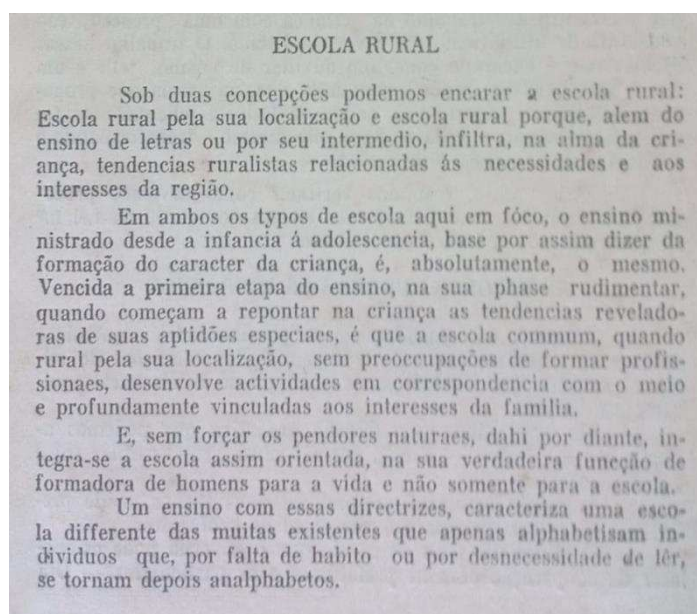
As semanas pedagógicas também tiveram uma conotação importante, Do dia 8 ao dia 15 de Novembro em 1936 os professores do estado se reuniram para discutir os problemas de ensino como também refletir a acerca de novas metodologias dentre os eventos da semana aconteceram exposições de materiais didáticos, como veremos a seguir:

Esses recursos pedagógicos mostram a preocupação dos professores em acompanhar as discussões acerca das inovações pedagógicas impulsionadas pela Escola Nova no Brasil, esse mapa da fauna do estado mostra as principais espécies de acordo com a região, que pode facilitar a explicação de vários assuntos tanto físicos como econômicos relacionado à Geografia.

3.3 ORIENTAÇÕES ORGANIZACIONAIS: AS ESCOLAS RURAIS, E OS MUSEUS ESCOLARES.

Durante a análise das Revistas observamos algumas orientações acerca das escolas rurais explicando a sua finalidade e como elas deveriam estar organizadas, e de como eram satisfatórios os resultados nas regiões onde elas estavam inseridas dessa forma as escolas rurais funcionavam da seguinte forma:

Figura 5 – A Escola Rural



Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1936 anno IV nº 12, p 21.

Devido a Paraíba possuir muitas comunidades no interior do estado, a principal forma de desenvolvimento, estava baseada nas atividades relacionadas a agricultura e a pecuária, a escola assume duas importantes conotações. A primeira, devido a sua localização, já eram consideradas “rurais” e a segunda, por conciliar questões

relacionadas ao ensino das letras com as necessidades da região, nesse caso os alunos aprenderiam a ler a escrever como também técnicas de plantio, técnicas de jardinagem entre outras. Em 1934 na Revista ano III nº 10 traz o exemplo de uma escola rural modelo de Tigipió situada em Pernambuco. Os programas de ensino relacionados as questões rurais estavam organizados da seguinte forma: jardinagem, horticultura, pomicultura, apicultura, avicultura entre outras coisas, eles trazem esse artigo na revista explicando como deveria funcionar a escola rural, mostrando que é possível e que os resultados são satisfatórios. Em 1936 a Paraíba demonstra o desejo de incorporar no seu sistema de ensino as escolas rurais, uma vez que as mesmas assumem a função de formar homens para a vida, além das questões educacionais “ensinar somente não basta; o essencial é que cabedal adquirido na escola tenha aplicação para a vida” (REVISTA DO ENSINO, 1936, p. 22).

A escola rural surge com a finalidade de valorizar modo de vida das regiões do interior, disseminando segundo a referida Revista uma felicidade relativa, procurando por todos os meios consolidar a família, a economia e a moral. Porém na Paraíba até dezembro de 1936 apesar de estar na legislação que cada município deveria ter pelo menos uma escola rural, não havia sido estabelecida nenhuma no estado, devido à falta de preparo técnico dos professores a revista afirma que por volta de uns quatro anos a frente as escolas rurais poderão funcionar no estado, até o ano de 1942 último ano da publicação do periódico supracitado, não foi mencionado nenhuma novidade em relação a implementação das escolas rurais no Estado. Podemos inferir que na teoria a ideia surtiria muito efeito, porém na prática infelizmente não podemos afirmar de acordo com a análise das Revistas, se as escolas rurais funcionaram de fato na Paraíba.

A *Revista de Ensino* traz orientações acerca de como deveriam estar organizados os museus escolares. De acordo com a mesma, devido ao surto de renovação em todas as esferas do ensino moderno ampliaram-se as instituições de ensino e foram atribuídas novas funções. O museu escolar que só existia em escolas ditas como privilegiadas dos colégios ricos, ginásios e universidades – escolas modelo - seria disseminado para as demais até mesmo as mais modestas dependendo apenas da boa vontade e esforço dos professores e dos administradores, no qual nos mesmo deveriam ser responsáveis por fazer a catalogação de tudo quanto diz respeito ao ambiente escolar. A Revista dá os direcionamentos de forma sintética de como deveriam estar organizados, obedecendo aos princípios do ensino moderno, sendo este influenciado por autores renomados como Backheuser – Pedagogia vivida. Os museus deveriam conter coleções formadas pelos

alunos sob a direção dos professores: gravuras, fotografias, mapas (da escola, da cidade, da rua, do bairro, do país e dos continentes); como também artigos de revistas e jornais (colados em cartolina) referentes:

À alimentação produtos da lavoura e pecuária; indústria e navios. Ao vestuário (matéria primada endumentaria, roupas, calçados, etc.) Inclusive figurinos, tecidos couros.A habitação (casas, ruas, cidades, estradas, vias de comunicação, transporte, hygiene). À sciencia ou noções comuns (museu de história natural e gabinete para experiências physico-chimicas; À socialização da escola (sociedades pré-escolares e civis); coisas do meio – Fabricas, fazendas, armazéns, escriptorios,prédios onde estão instaladas as escolas, as repartições publica, os quarteis, sanatórios, hospitais, egrejas, portos, produtos de exportações e importação; invenções; À cultura artística – quadros celebre de pintura, quadros da natureza, paisagens, musicas, architettura (palácios, cathedraes, viaductos, pontes)(REVISTA DE ENSINO, 1936, Anno IV nº12 p,17-19).

Os museus escolares deveriam conter os materiais necessários à consulta dos alunos para o desenvolvimento de atividades de diferentes matérias, seria organizado pelos próprios alunos sob a orientação do professor, com objetos confeccionados ou escolhidos pelas crianças; o museu escolar, não deveria ser visto com algo sem utilidade apenas para observação com objetos presos em armários, mas, sua finalidade principal era de auxiliar os professores, para a lição das coisas, os objetos deveriam ter uma função rotativa no meio escolar, para facilitar a compreensão dos assuntos estudados no qual os alunos teriam acesso a manusear os objetos, desmontar, verificar as formas funcionando como um tipo de laboratório, os objetos do museu pertenciam às crianças e a escola.

No que se refere à organização dos horários destinados as disciplinas observamos a seguinte divisão:

Figura 6 – Ordem das disciplinas no curso primário

| ORDEM DAS DISCIPLINAS A SER SEGUIDA NO CURSO PRIMARIO | | | | |
|--|--|---|--|--|
| 2.ª feira | 3.ª feira | 4.ª feira | 6.ª feira | Sabbado |
| Calligraphia Arithmetica Geographia Leitura Dictado Inst. Moral e Civica | Calligraphia Arithmetica Desenho Lingua Ma- terna Leitura L. de Cousas | Calligraphia Arithmetica Leitura Dictado T. Manuaes | Calligraphia Arithmetica Lingua Ma- terna Sciencias Naturaes e Hygiene Geographia Gymnastica | Calligraphia Geometria Leitura Dictado H. do Brasil Canto |

NOTAS: — Os exercicios de calligraphia destinam-se ás classes do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos.
 O ensino de calculo deve ser feito sempre nas primeiras horas de aula.
 As lições oracs serão seguidas de trabalhos escriptos.
 Recreio de 30 minutos, na metade do horario escolar, para os estabelecimentos de ensino de um só turno e de 20, para os de dois turnos.
 Descanço de 5 a 10 minutos entre as lições.

MATHEUS RIBEIRO

Fonte: REVISTA DE ENSINO, 1932 anno I nº 2, p 149.

Nessa imagem é visível as orientações de como deveria funcionar o ambiente escolar, orientações acerca dos exercícios de cálculo, de caligrafia e sobre o intervalo dos alunos. As aulas de Geografia estavam distribuídas duas vezes por semana, ao fazer uma comparação com os dias atuais os currículos são regulados pela Lei de diretrizes e Bases da Educação (LDB), por meio dessa lei é que são reguladas a carga horária por disciplina que consiste em uma aula semanal de Geografia até a 5º ano que corresponde ao ensino primário, ou seja, houve uma diminuição da carga horária relacionada a disciplina Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como principal finalidade entender as principais metodologias de ensino do estado da Paraíba a partir de um viés histórico. Para isso, fizemos uma breve análise da trajetória da Geografia como disciplina escolar no Brasil. Foi possível conhecer a história dessa disciplina e de como ela era utilizada para a divulgação de um sentimento de nacionalidade, os métodos de ensino priorizavam a mnemônica e as listas de nomenclaturas. Com a inserção da Escola Nova no país entre as décadas de 1920 e 1930 surge a necessidade de novas práticas pedagógicas serem incorporadas no ensino, para aliar um discurso mais crítico com metodologias de ensino que proporcionassem condições dos alunos produzirem suas próprias análises. Este período também é marcado pela difusão de uma Geografia moderna para a escola e um novo processo de repensar os métodos de ensino vigora no país, aliado a um entusiasmo pedagógico, as questões educacionais ganham destaque, pois as mesmas pareciam trazer soluções para os problemas que o país vivenciava, tendo como um dos principais percussores escolanovistas no Brasil o professor Delgado de Carvalho.

Diante disso, as *Revistas do Ensino* se configuravam como importantes veículos de comunicação tendo em vista que a partir delas circulavam as prescrições metodológicas que norteavam os professores em sala de aula e como deveria se dá a organização escolar. Por elas divulgavam-se as diretrizes acerca de novas práticas de leitura, indicando como deveriam ser lidos os novos conceitos e conteúdos que pretendiam serem propagadas, as orientações políticas, organizacionais, os programas de ensino, novas concepções de ensino e aprendizagem a serem adotados.

Ao fim desta pesquisa, percebemos que várias questões e aspectos por ela analisados, são apenas o início da reflexão, tendo em vista que as *Revistas do Ensino* podem trazer diferentes significados a partir de pontos de vistas diferentes, aja vista que as mesmas são um instrumento valioso de normatização pedagógica e de ampliação da cultura educacional dos professores. A partir da análise da *Revista do Ensino* da Paraíba, buscando compreender a abordagem metodológica, podemos inferir que a maioria das prescrições presentes nesta tem um caráter mais político educacional do que metodológico. A preocupação central era de organizar o ensino público para que o mesmo seguisse um padrão e todas as escolas tivessem a mesma qualidade, contudo, suas proposições metodológicas também foram inspiradas principalmente pela Escola Nova. Encontramos nestes impressos alguns textos baseados nas ideias de Pestalozzi

com seu método intuitivo, bem como textos referentes a aprendizagem a partir de centros de interesses de Decroly.

Havia uma preocupação para que os professores acompanhassem as inovações propostas em suas práticas pedagógicas e que as metodologias priorizassem a realidade dos alunos. O uso dos jogos, como a exemplo do ensino da Geografia política, também demonstra um avanço para a época. Nas aulas de Geografia os mapas ganharam uma importante conotação, o estímulo a confecção dos mapas mentais pelos alunos foi um fato bem interessante de ser observado. O uso da disciplina Geografia para disseminar os valores patrióticos nacionais é exposto nos centros de interesse sempre faziam menção aos símbolos nacionais e as belezas existentes em nosso país reforçando a ideia de Rocha (1996). De forma geral, quando comparamos as metodologias a partir os programas de ensino da Revista com os parâmetros curriculares nacionais que utilizamos atualmente para nortear as aulas de Geografia, percebemos que a sequência didática permanece sem muitas alterações.

Assim sendo, a *Revista do Ensino* se constitui como um importante veículo de circulação das principais orientações acerca das novidades do que estava acontecendo no cenário educacional, a imprensa pedagógica mais uma vez demonstra seu valor, sendo fundamental para a capacitação dos professores. As Revistas trazem em suas páginas o reflexo representativo das aspirações sociais, educacionais e políticas da história da educação paraibana e teve um papel significativo no processo de formação de professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. (org.). **História do livro e da leitura**. São Paulo: Mercado das letras, 2000.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças**. In: REGO, Nelson. et al. (Orgs.). Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13–30.

_____. **Dois Momentos na História da Geografia Escolar: a Geografia Clássica e as Contribuições de Delgado de Carvalho**. Revista Brasileira de Educação Geográfica. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2011a, p. 19 – 51.

ÂNGELO, Maria Deusia Lima; SOUSA, Jéssica Gonçalo de; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. O livro didático como fonte reveladora de metodologia de ensino de Geografia. Uma análise do Compêndio Elementar: especialmente do Brasil. **Anais do XI ENPEG – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**, Goiânia: 2011. P. 1 – 5.

AZEVEDO, Maryglucia Silva. Contribuições para Historiografia da Educação da Paraíba: Uma leitura sobre a infância na Revista do Ensino. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação: Matrizes interpretativas e internacionalização**. Maringá 2015.

_____. **Educação da Infância na Capital da Paraíba**. (Dissertação de Mestrado) UFPB, João Pessoa, 2003.

BASSAN, V. J. **Como interessar a criança na escola: A noção dos centros de interesse em Decroly**. Coimbra, Livraria Almedina, 1978.

BASTOS, Maria Helena Camâra. A imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In : BASTOS, Maria Helena Camâra. CATANI, Denize Barbara. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da Educação**. São Paulo: escrituras editora, 2002, p. 173-187.

BELO, A. **História e livro de leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BICCAS, Maurilane de Souza. Impresso pedagógico como objeto e fonte para a história da educação em Minas Gerais (revista do ensino 1925-1940). In: MORAIS, Christianni Cardoso. **História da educação ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BITTENCOURT, C. Disciplinas Escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA; RANZI (org.). **História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **Produção didática e programas de ensino das escolas paulistas nas primeiras décadas do século XX**. Revista da Faculdade de Educação da USO, v.2, n. 15, 1989.

BOMENY, Helena. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. 2015. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>. Acesso em: Abril de 2016.

BRASIL. **Parametros Curriculares Nacionais PCN(s)**. Geografia. Ensino Fundamental. Brasília :MEC/SEF, 1997

CARVALHO, D, de. **Methodologia do ensino geografico: introdução aos estudos de geografia moderna**. Petrópolis : Vozes, 1925.

CARVALHO, Roberta Costa de. Um escolanovista paraibano: José Baptista de Mello. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**, Natal, 2002.

CATANI, D. B; BASTOS, M.H.C. **Educação em Recife: a Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras: 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHERVEL, A. **História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Revista Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, 1990. p. 177-229.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. In: **educação e pesquisa**, v. 30, n 3, p. 549-566, 2004.

DIAS, Angélica Mara de Lima. **Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935)**. (Dissertação de mestrado) UFPB: João Pessoa, 2013.

ESTADO DA PARAHYBA. Decreto n. 287, de 18 de maio de 1932. **Revista do Ensino**, vol. 1, n.2, julho de 1932.

FERRARI, Marcio. **Pedagogia: centros de interesse de Decroly**. 2013. Disponível em: <http://instituto-mensageiros-do-amanhecer.blogspot.com.br/2013/10/pedagogia-centros-de-interesses.html>. Acesso em: Abril de 2016.

GATTI, Bernardete, ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicole. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **História de Educação Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Formação de Professores).

HAMAIDE, Amèlie .**O methodo Decroly**. [Tradução e adaptação de Alcina Tavares Guerra]. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1929.

- VERISSÍMO, J. **A educação nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- KULESZA, W. A. Ensaio da Escola Nova na Paraíba (1930-1942). **Livro de resumos do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. Vitória: UFES, 2011. p. 403-404.
- LAJOLO, M. P.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- MATE, Cecília Hanna. **Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira**. Bauru: EDUSC; Brasília: INEP, 2002.
- MATOS, Ana Cristina; RODRIGUES, Silvana Cristina; SILVA, Sílvia Fernandes. **Teoria Pedagógica: Atualidade Das Idéias De Ovide Decroly**. Minas Gerais, Fevereiro De 2004
- MELLO, J.B. **Evolução do Ensino na Paraíba**. 3. ed. João Pessoa: Biblioteca Paraibana, 1996.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira Republica**. São Paulo. Editora: Universidade de São Paulo, 2009.
- NÓVOA, A. A imprensa de Educação e Ensino: concepções do repertório português. In: BASTOS, Maria Helena, C. CATANI, D, B. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 11-32.
- PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas: Autores associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.
- ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1839 – 1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - FE – PUC. São Paulo: PUC,1996.
- RODRIGUES, Melânia Mendonça. **Concepção De Professor Na Revista Do Ensino Da Paraíba. Congresso Brasileiro de História da Educação Matrizes interpretativas e internacionalização**. Maringá 2015.
- SANTOS, Irene da Silva Fonseca. et al. Brasil, 1930 – 1961: Escola Nova LDB e disputa entre Escola Pública e Escola Privada. **HISTERDBR [On-line]**, Campinas, n. 22, p. 131-149, jun. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf. Acesso em 01/03/2016.
- SILVA, Eunice Isaias da. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo da cidade**. (Tese de doutorado). Goiânia. UFG, 2010.
- SILVA, Rosana Nogueira. **O movimento educacional escolanovistas e a Geografia como disciplina escolar- permanência e mudanças**. João Pessoa. UFPB, 2008.

SILVA, V. B. **História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade de São Paulo, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima. A história da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, M, L, A. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo, 2007.

TOLEDO, C.A.A de; GIMENEZ, J.C. Educação e Pesquisas: Fontes e documentos. In: _____. **A Pesquisa e a preservação de Arquivos e Fontes: para a educação, cultura e memória**. Campinas: Editora Alínea, 2009.

VESENTINI, José William . (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

VLACH, Vânia Rúbia Farias. **A Propósito do ensino de Geografia: em questão, o nacionalismo patriótico**. Dissertação de mestrado apresentada ao Dptº. De Geografia da FFLCH – USP. São Paulo, 1988.

ZANLORENZI, Claudia Maria Perchak. História da Educação, Fontes e a Imprensa. **Revista HISTERDBR**. Dezembro de 2010.

REVISTAS DO ENSINO.

REVISTA DO ENSINO (1932), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno I, n. 1 .

REVISTA DO ENSINO (1932), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno I, n. 2.

REVISTA DO ENSINO (1932), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno I, n. 3.

REVISTA DO ENSINO (1934), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno III, n. 10.

REVISTA DO ENSINO (1936), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno I, n. 2.

REVISTA DO ENSINO (1936), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno IV, n. 14.

REVISTA DO ENSINO (1942), Orgam da Directoria do Ensino Primário, publicação trimestral, anno X, n. 18.